

FÁBRICAS NO CAMPO:

**Transformação Rural e Organização do Trabalho no Triângulo do Caju
em Moçambique**



Brad Paul, Ph.D.
Preparado para Techno Serve
1 de Julho de 2008

Prefácio

“O lugar para a fábrica é ao lado da machamba.”

Registo dos Fabricantes, 3 de Julho de 1913

Em 1979, João Mucusete Sekare herdou 120 cajueiros e quando se reformou do professorado na vizinha escola da missão e regressou a casa em Namaponda começou a plantar mais árvores todos os anos. Isso foi em 1993 e até 2008 ele possuía um total de 2.500 árvores a produzir e empregava três camponeses para além da sua própria família de oito que também fazia o mesmo trabalho. João agora tem trinta vezes mais que o número médio de árvores pertencentes às mais de 940.000 famílias que produzem castanha de caju na zona rural de Moçambique.¹ A sua abordagem tem sido simples; “existe sempre mercado para a castanha de caju em Namaponda por isso decidi plantar mais árvores todos os anos,” explica João.²

Almeida dos Santos caminha 2 quilómetros todos os dias para a Fábrica de Castanha de Caju da Miranda Industrial em Mogincual onde ele trabalha na sala de corte. Das seis de manhã até às duas da tarde, ele opera uma máquina movida pelos pés que separa a casca em preparação para uma eventual secagem, despêliculagem e classificação. É um trabalho que requer um equilíbrio delicado entre o rendimento e a velocidade. Ele é novo no trabalho de castanha de caju e ainda se considera um camponês, ocupando o tempo do trabalho que resta de cada dia trabalhando na sua machamba. Mas desde que ele começou a trabalhar na fábrica, os filhos do Almeida agora vão à escola e ele está em melhores condições de sustentar a sua família. A sua esperança agora é “reconstruir a sua casa,” que foi destruída pelo ciclone Jokwe.³

Manuel Rafael passa o seu dia removendo com a pá a castanha bruta para um forno quente. O calor na sala de cozimento a vapor pode ser intenso e o trabalho é árduo, mas Manuel é um veterano do trabalho de fábrica e as remunerações que ele recebe permitem-lhe comprar comida e roupa para a sua esposa e quatro filhos. Manuel é também um dos muitos trabalhadores que pertence a uma classe emergente de trabalhadores emigrantes de castanha de caju que saíram com a indústria das vilas da antiga fábrica como é o caso de Geba para novos destinos tais como Mogincual, Angoche e Meconta.⁴

¹ Entrevista com João Mucusete Sekare, 1 de Maio de 2008, Namaponda; Jake Walter, *USAID Frontline Newsletter*.

² Walter, *USAID Frontline Newsletter*

³ Entrevista com trabalhadores na Sala de cozimento a vapor na Fábrica de Namige, 27 de Março de 2008, entrevista conduzida pelo Simba Siebo.

⁴ Entrevista com trabalhadores na Sala de cozimento a vapor da Fábrica de Namige, 27 de Março de 2008. Em geral, 27% dos trabalhadores usados como amostra nas três fábricas pertencentes a António Miranda são originalmente da vila de Geba com Namige e Meconta reportando 37% e 39%, respectivamente. Mais significativamente, porém, estes mesmos trabalhadores representam 52% dos trabalhadores mais produtivos, Inquérito Compreensivo dos Trabalhadores da Fábrica de Castanha de Caju em Nampula, nos arquivos da TechnoServe.

A vida está a mudar no triângulo da castanha de caju. Com o renascimento da fábrica e o advento dum “novo modelo” do processamento de castanha de caju, algumas comunidades de subsistência tradicional estão a experimentar um influxo de riqueza e uma mudança na participação nas relações sociais e económicas. Desde 2002, fábricas de pequena escala e mão-de-obra intensiva assumiram uma presença crescente na paisagem rural de Nampula. Em 2007, as fábricas e o sector informal de Moçambique combinados processaram acima de 60.000 toneladas de castanha de caju, 32.000 toneladas de castanha bruta foram exportadas e o valor total de todas as exportações (processadas e brutas) excederam a \$40 milhões.⁵ A pesada infusão de fundos para salários aumentou o desenvolvimento comercial e melhorias infra-estruturais e está entre os indicadores claros de crescimento económico. Mas a chegada da indústria não reconfigurou especialmente as comunidades, ao contrário introduziu condições materiais, que as emergentes classes de pessoas estão a definir, negociar e transformar numa coisa nova. Especificamente, este processo dinâmico está a ser conduzido por um conjunto de categorias distintas, mas interdependentes, de produtores económicos; empresários, agricultores comerciais, pequenos proprietários, trabalhadores assalariados, trabalhadores de machambas e uma classe de mercadores nascentes.

Em todo o triângulo as pessoas estão a fazer a sua própria história. Seguramente, a história não é estática e “acontece” apenas à medida que os eventos e interferências encontram as relações de trabalho, condições económicas, hábitos, costumes e circunstâncias sociais. A tentação, e de facto a sabedoria recebida de muito trabalho de desenvolvimento, é porém, interpretar a mudança económica e social pelo balancete e pelos resultados específicos, metas pré-concebidas ou “mensuráveis.” Ou dito de forma diferente, para ver o tempo e o lugar de forma instantânea. Tais critérios são necessários e adequados dado que cobrem as necessidades, interesses e exigências dos doadores e investidores, mas uma abordagem alternativa poderá ser avançada; isto é, na avaliação do crescimento económico, uma leitura sócio-histórica das tendências da comunidade, complexidades e subtilezas podem providenciar-nos lentes mais orgânicas, através das quais se pode ver a transformação rural e o seu significado nas vidas das pessoas. Situando as histórias quotidianas da comunidade e o local de trabalho no seio da narrativa económica mais alargada, pode também ser revelado algo fundamental e útil sobre os novos mercados, dinheiro novo e desenvolvimento. Na nossa partida da abordagem convencional poderemos perguntar: como as pessoas governam os seus afazeres diários e de acordo com que valores e considerações económicas? E de que formas as comunidades de subsistência tradicional mudam ou “parecem diferentes” quando “modernizadas” e vistas ao longo do tempo?

Fábricas no campo: a Geografia Social da Produção

Neste estudo, o termo *fábrica* significa uma unidade de manufatura de pequena escala engajada no processamento de castanha de caju e localizada nas zonas rurais. Estas fábricas são semi-mecanizadas, de mão-de-obra intensiva

⁵ “A Produção da Castanha de Caju Excede a Meta,” *Agência de Informação de Moçambique*, 4 de Junho de 2008.

incluem todo o processo de produção a partir do cozimento a vapor para descasque até o empacotamento. Para os nossos propósitos, *fábrica* frequentemente refere-se a um edifício único (tipicamente um grande armazém, um edifício do período colonial convertido ou um posto administrativo) como o ponto de produção, juntamente com qualquer infra-estrutura de suporte conexa tais como uma cantina, salas de mudança de roupa, cuidados durante o dia, ou posto de saúde. As dimensões físicas da fábrica são modestas, partindo de 10.000 pés quadrados na Fábrica de Meconta até 75.000 pés quadrados na nova planta em Anchilo.⁶ Mas talvez mais importante, a unidade está localizada nas redondezas dos cajueiros e pomares.⁷

Neste estudo, o termo *campo* assume e tem múltiplos significados. Para ONGs, “campo” é visto como ponto de ligação de assistência e desenvolvimento. É comum ouvir trabalhadores de apoio e especialistas de desenvolvimento falarem de “irem para o campo.” Ou seja, o significado de campo aproxima-se a algo como uma junção de apoio onde os serviços são “prestados” e o investimento social e económico é concebido para ser “sustentável” durante muito tempo depois da assistência terminar e o campo voltar a ser conduzido pelos seus próprios métodos locais de auto-organização. Para os novos trabalhadores assalariados, campo significa uma zona de trabalho constantemente em mudança – ou, o que o historiador norte americano Carlos Schwantes, noutro contexto, chamou de “fronteira de trabalhadores assalariados.”⁸ Para empresários companheiros, campo representa um lugar de investimento, inovação e oportunidade. Para agricultores de pequena escala e também comerciais, campo significa uma machamba, um pomar, um viveiro ou mais tipicamente apenas “casa”.

Assim, campo é simultaneamente um lugar físico – incorporando uma geografia específica e complexa e um conjunto variado de revelações económicas e sociais – bem como uma construção, de acordo com o significado dado por diferentes actores e interesses. Especificamente para o processamento da castanha de caju, poderemos descrever campo, como uma esfera muito rural, localizada e em constante mudança de actividade económica no seio da Província de Nampula. Aqui testemunhamos uma manufacturação de pequena escala na “fronteira,” promovida por uma classe empresarial constituída e sustentada pelo acesso ao capital de investimento bastante modesto, por uma activa participação de ONGs e peritos técnicos e por uma abordagem flexível no que respeita a maquinaria e mercados de trabalho fluídos.

⁶ Entrevista com Shakti Pal, 3 de Maio de 2008. Os registos da dimensão em pés quadrados das fábricas de Nampula incluem Meconta estimada em 10.000; Namige em 30.000; Angoche em 44.000; Nametil em 59.000; Anchilo em 75.000.

⁷ Enquanto o processamento da castanha de caju não é representativo duma indústria de artesanato em termos de produção em escala e localizada, tem muito em comum com ênfase de especialização flexível presente no “Third Italy model, M. Piore and C. Sabel, *The Second Industrial Divide*, (New York, 1984)

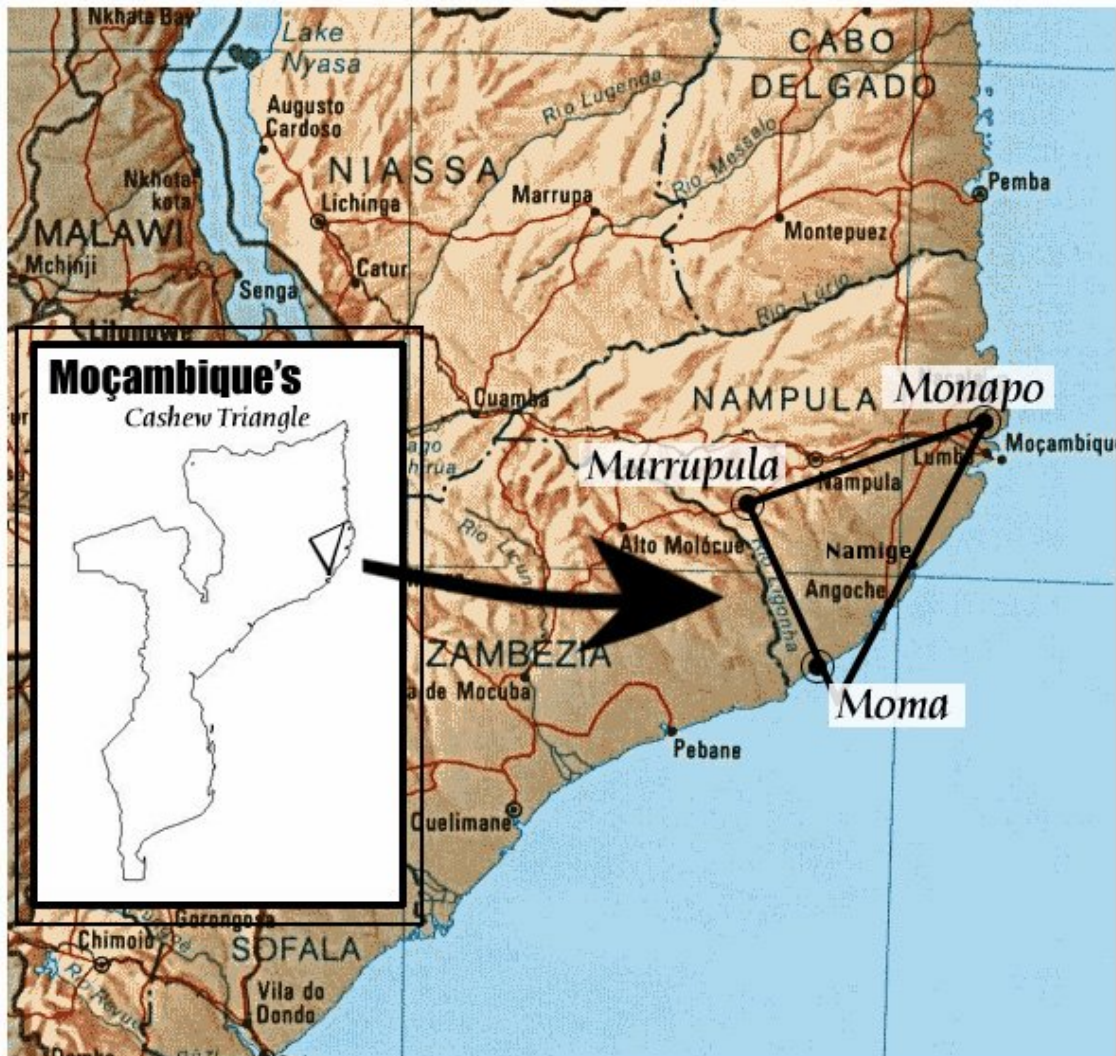
⁸ Carlos Schwantes, “The Concept of the Wagesworkers' Frontier: A Framework for Future Research,” *Western Historical Quarterly* 18 (January 1987), 39-56

Tendo em conta que a magnitude desta abordagem local para a manufactura funciona dentro do contexto mais lato do mercado global agudamente delienado entre um grande mercado africano de exportação e uma indústria asiática dominante de processamento, tal processamento de pequena escala ocupa a uma fronteira do que poderemos chamar de “essência e periferia da castanha de caju”. Até 1977, África era o continente principal na produção de castanha de caju mas desde que a Índia se tornou o maior produtor mundial de castanha de caju, o Vietname e Brasil representam os próximos dois maiores processadores, África continua o maior exportador de castanha bruta.⁹

Como definido pelas suas unidades de processamento, o triângulo de castanha de caju de Nampula faz fronteira no oeste com Murrupula, no leste com Mogincual; e Moma e Monapo ocupando as fronteiras do norte e da parte sul, respectivamente. Dentro das demarcações destas fronteiras imperfeitas existem aproximadamente dezoito milhões de cajueiros, plantados e colhidos por agricultores comerciais e também proprietários de pequena escala, doze unidades de processamento, empregando cerca de 5.000 trabalhadores, diversas unidades de pequena escala ou fábricas satélites, viveiros, pequenas lojas de máquinas e incontáveis produtores familiares que produzem, assam em barris, descascam e vendem os seus modestos produtos ao longo da rua. Em resumo, existe dentro do triângulo de economia e cultura tradicionais de castanha de caju a ideia de que o “novo modelo” da indústria foi efectivamente aproveitada e deu uma forma comercial específica (Verificar a versão em inglês). Esforços pelos investidores tais como Indústrias Miranda e Condor Caju representam o mais recente capítulo nas longas relações da região com a castanha de caju.

⁹ Horus Enterprises, “Long Term Trends in the International Cashew Market and Strategic Implications for Sub-Saharan African Exporters: Final Report, (Paris, June 2005).

Mapa do Triângulo da Castanha de Caju



Porquê Caju?

Apesar do impulso industrial e padrões de urbanização de investimento e crescimento, Moçambique continua predominantemente rural e agrícola. Como os novos empreendimentos conjuntos e investimento estrangeiro em mineração, navegação, gasodutos de combustível e refinaria, energia, bio-combustíveis, alumínio e turismo são prosseguidos, as vastas extensões rurais do país continuam a lutar contra a pobreza e subdesenvolvimento.¹⁰ Apesar das taxas substanciais de crescimento e a reputação dentro do Banco Mundial e FMI como uma “história de sucesso da África,” Moçambique continua um dos países mais pobres do mundo com mais de metade da sua população vivendo abaixo da linha da pobreza. Moçambique ocupa o 168º dos 177 países segundo o “Índice de Desenvolvimento Humano,” do PNUD e entre os cidadãos mais pobres, metade de todas as crianças são malnutridas e uma em cada cinco irá morrer antes do quinto aniversário.¹¹ Em resumo, as taxas promissoras do PIB não resultaram numa distribuição adequada e alargada de riqueza.

Ao mesmo tempo, a zona rural de Moçambique apresenta grandes oportunidades económicas que geralmente continuam escondidas da sabedoria recebida das escolhas de investimento. Apenas se precisa de conduzir nas estradas empoeiradas de Nampula e chegar aos portões da fábrica para ver como António Miranda e outros empresários resolveram o mistério do investimento rural rentável. De facto, o Presidente moçambicano Armando Guebuza referiu que as empresas industriais de pequena escala são de importância particularmente grande na prossecução do objectivo do governo de transformação dos distritos rurais em pólos de desenvolvimento. Em referência ao caso da mineração artesanal, Guebuza elogiou, a natureza de produção de pequena escala de mão de obra intensiva e o “impacto positivo nas comunidades quando as famílias trabalhadoras usam o rendimento para melhorar a qualidade das suas vidas”¹²

A indústria de caju aparentemente replica este modelo citado do Governo de Moçambique, e em pouco tempo, já começou a demonstrar sinais visíveis de que está a transformar a estrutura económica e de saúde das pequenas zonas rurais de Moçambique. O efeito duplo da indústria de caju de impulsionar a agricultura comercial e as oportunidades crescentes do trabalho assalariado promete uma rota alternativa para atacar a pobreza. De forma crescente, nas comunidades rurais estamos a testemunhar o potencial da criação de emprego como uma estratégia de

¹⁰ *The Investor*, 12 de Fevereiro de 2007, 18 de Março de 2008, 8 de Abril de 2008

¹¹ Joseph Hanlon, “Is Poverty Decreasing in Mozambique?” Comunicação apresentada na Conferência Inaugural do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE), Maputo, 19 de Setembro de 2007, 6; UN Integrated Regional Information Networks, “Mozambique: Putting the Tourist Dollar in the Pockets of the Poor,” June 3, 2008.

*Prazo significa “período no tempo” e refere ao sistema português de atribuição à população colonizadora extensões de terra e o direito de arrecadar impostos da população indígena.

¹² *The Investor*, 8 de Abril de 2008, 87

desenvolvimento. Como Joseph Hanlon observou sucintamente, “emprego e dinheiro são cruciais para escapar da pobreza.”¹³

Início

A castanha de caju, *anacardium occidentale*, é nativa da América do Sul e foi importada para Moçambique do Brasil nos finais do século 16. Durante séculos, os comerciantes plantaram a árvore amplamente na costa da África Oriental, incluindo Moçambique, Madagáscar, Zanzibar, Tanzânia e Quênia. Os portugueses introduziram também a árvore em toda a Ásia, especialmente em Sri Lanka, Índia, Indonésia e Filipinas. Nos finais do Século 19, os prazeiros portugueses* e as casas de investimento tais como a Empresa da Zambézia entraram no negócio da cachaça e como produtores de bebidas alcoólicas potentes fabricadas a partir de frutos do cajueiro. Empregando uma simples prensa e processo de destilaria, as pequenas zonas de manufatura apareceram em todo o país.¹⁴ Em 1908, os interesses da África do Sul lançaram a Niassa Consolidated que infundiu a Companhia de Niassa protelada com um investimento significativo de capital e o ímpeto para desenvolver os portos e mercados do interior da zona norte de Moçambique¹⁵. Estas melhorias de infra-estruturas significaram que a colheita e produção poderiam ser designadas para desenvolvimentos comerciais mais avançados.

Para grande parte do século vinte, as plantações geridas por portugueses fez de Moçambique o principal produtor mundial de castanha de caju. Até à década de 60, Moçambique produzia metade da castanha de caju a nível mundial com a produção atingindo o cume nas vésperas da independência num excesso de 200.000 toneladas por ano¹⁶. No ponto alto da indústria, até 17.000 trabalhadores estavam empregues nas catorze grandes fábricas mecanizadas. Todas elas juntas, as mega-plantações do país e a próspera indústria de processamento nacional deram a Moçambique uma reputação estelar em todo o mundo e ajudaram um forte mercado de exportação. Mas a produção colonial foi atingida com grandes custos sociais dado que as pobres condições de trabalho, cultivo forçado, falta de mobilidade e subdesenvolvimento alimenatam uma contra narrativa dolorosa para uma outra lembrada sem capacidade crítica e medida selectivamente por altas produções.¹⁷

¹³ Joseph Hanlon, “Is Poverty Decreasing in Mozambique?” Comunicação apresentada na Conferência Inaugural do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE), Maputo, 19 de Setembro de, 2007, 11

¹⁴ Leroy Vail and Landeg White, *Capitalism and Colonialism in Mozambique: A Study of Quelimane District* (University of Minnesota Press, 1980), 83, 116 127

¹⁵ Malyn Newitt, *A History of Mozambique* (C Hurst & Co Publishers Ltd, 1994).

¹⁶ Margaret McMillan, Karin Horn and Dani Rodrik, “When Economic Reform Goes Wrong: Cashews in Mozambique,” 2003, 4-6; Ditlev Schwanenflugel and Fernanda Marques Pinto, “Miranda Expansion Project: Building a World Class Cashew Industry in Mozambique,” August 23, 2003, 12-13; John Paton, “Developing the Cashew Nut Industry in Mozambique: A Report for Africa Technical Families (Private Sector Development and SME Departments) World Bank and Techno Serve, Mozambique,” June 2002, 3.1.

¹⁷ Olutayo Akingbe et al, “Cashew Nuts in Mozambique: Recommendations for Developing a Viable Sector,” prepared for Techno Serve, Mozambique, Columbia University Graduate Student Workshop (May 2005), 2; Em relação aos arranjos dentro do sistema de economia de plantação colonial, vide Helena Dolny, “The Challenge of Agriculture,” in John Saul, ed., *A Difficult Road: The Transition to Socialism in Mozambique*, (New York, 1985), 214-223;

O colonialismo português chegou ao fim em 1975 e como a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) avançou para nacionalizar as plantações e plantas de processamento, muitos dos antigos donos e gestores portugueses abandonaram a indústria e fugiram do país. Apesar da concepção da política do governo da FRELIMO de protecção da indústria através do banimento de exportações e apoio nos preços, o impacto cumulativo da descolonização e a devastadora guerra civil trouxeram a produção para uma virtual paralização.¹⁸ O impacto de destruição causado pela guerra não pode ser subestimada. Por exemplo, de 1982 a 1989, as colunas de abastecimento e os quase mil trabalhadores na unidade de processamento de Monapo precisavam de protecção durante vinte e quatro horas por dia de 500 soldados governamentais contra a ameaça dos ataques armados. E mais para o sul, na cidade costeira de Angoche, as unidades de castanha de caju eram alvos ocasionais dos esforços de sabotagem dos rebeldes da Renamo.¹⁹

Enquanto a produção da castanha de caju recuperava modestamente do nível mais baixos de todos os tempos em 1982, conseguindo recuperar de forma estável de 1983 até 1988, e também experimentar breves períodos de crescimento em 1990-1991 e 1994-1995, a guerra prolongada no campo deslocou muita população rural e cortou o funcionamento eficaz da maioria da indústria.²⁰ Finalmente, tudo o que foi ou não foi atingido na transição da produção colonial para a política “marxista” deverá ser consignado para um histórico “o que seria” na medida em que os dezassete anos da brutal guerra civil de Moçambique destruiu em grande medida antes de nascerem quaisquer experimentações na agricultura e na reorganização industrial.

Com o fim da guerra civil, porém, muitos camponeses regressaram para a sua terra e com a subsequente privatização dos principais sectores da economia os níveis de produção aumentaram lentamente e eventualmente estabilizaram. Mas diferentemente do presente modelo empregue no triângulo de castanha de caju de Nampula, a tentativa da recuperação industrial foi conduzida por grandes fábricas e produção mecanizada. Além disso, a fim de recomeçar o processamento doméstico, foi introduzida uma alta taxa de exportação em castanha bruta. Mas o breve renascimento da indústria chegou a uma brusca paragem quando a política de liberalização do Banco Mundial exigiu, em 1995, que o governo removesse a protecção da indústria – uma mudança concebida para trazer melhores preços aos produtores de castanha de caju enquanto mudando a exportação da castanha bruta para Índia. O argumento do Banco Mundial de que o processamento em Moçambique era insuportável veio a tornar-se em algo como uma profecia de auto-cumprimento uma vez que a política do Banco apenas serviu para combinar uma

¹⁸ Vail and White, 397

¹⁹ Entrevista com Carlos Costa, Maputo, 18-20 de Junho de 2008; sobre a Guerra civil em Moçambique, vide William Finnegan, *A Complicated War: The Harrowing of Mozambique* (New York, 1993)

²⁰ Schwanenflugel, “Miranda Expansion Project,” 13; Ditlev Schwanenflugel, “The Cashew Nut Financing Institute: A New Approach to Private Sector Agribusiness Growth in Mozambique,” (Center for the Promotion of Rural Financial Services, 2004), 3.

aguda falta de investimento já aguda, numa nova plantação de árvores e na limpeza, tornando a indústria de processamento não competitiva. O efeito foi devastador. Até aos finais da década 90 virtualmente todas as grandes fábricas mecanizadas tinham sido encerradas e aproximadamente 7.000 a 10.000 trabalhadores encontraram-se no desemprego.²¹

Tempos difíceis

Na zona rural de Moçambique, a diversificação económica e oportunidades de emprego representam pilares cruciais numa estratégia significativa de desenvolvimento. Pela mesma moeda, a flutuação dramática ou perda destes mesmos recursos significa um sofrimento agudo. A cidade costeira de Angoche foi particularmente atingida pelo colapso das indústrias de castanha de caju dos finais da década de 90 quando foram encerradas três unidades de processamento fecharam ao mesmo tempo que a fábrica de embalagem de peixe e a unidade de descasque de arroz. Uma caminhada pelas ruas de Angoche revela uma arqueologia de negligência. Grande parte da arquitectura do período colonial que domina a cidade central cai quietamente em desespero, abandono ou tapado com tábuas e buracos e erva daninha pontuam as praças e ruas da cidade. Nos subúrbios da “cidade de caniço” predomina com habitação inadequada, águas estagnadas, serviço instável de electricidade e poucas oportunidades económicas.²² Em 2006, os residentes saíram à rua para exigir a reabertura das fábricas, alegando que os trabalhadores despedidos do emprego não eram adequadamente compensados e continuavam dependentes da pesca como a única fonte de sobrevivência.²³ Dois anos antes destas manifestações, as Indústrias Miranda abriram uma fábrica de “novo modelo”, presentemente empregando mais de 700 trabalhadores, mas os efeitos a longo prazo dos encerramentos ainda são claramente sentidos.

Certamente nem todos os encerramentos podem ser colocados atribuídos à política do Banco Mundial, mas até os finais da década de 90 a saúde global da indústria tinha sido gravemente comprometida. A trezentos quilómetros da costa de Angoche, os encerramentos em Monapo e distrito de Memba trouxeram tempos difíceis para as comunidades que tinham crescido acostumadas ao rendimento da fábrica. No seu cume produtivo, a vila de Geba caracterizada por facilidades de produção de castanha de caju, sal, fibra e algodão, empregavam acima de 1.600 pessoas e estavam cercadas por pomares de coqueiros e cajueiros.²⁴ Possuía a estética e sentimento de cidade de fábrica colonial requintada. A habitação dos trabalhadores foi desenhada num padrão de grelha, o posto de saúde defronte da esquadra da polícia, e conjuntamente a discoteca “Brisa de Inverno” e o campo de futebol não relvado bem mantido, moldavam a praça da cidade. Com uma vista

²¹ Joseph Hanlon, “Can Mozambique Make the World Bank Pay for Its Mistakes?” Africa Faith and Justice Network, October 26, 1997; McMillan, “When Economic Reform Goes Wrong: Cashews in Mozambique”; Akingbel, “Cashew Nuts in Mozambique: Recommendations for Developing a Viable Sector.”; Melissa Hall, et al, “Benchmarking the Global Cashew industry,” (August 2007).

²² Visita de campo à Angoche e entrevistas com residentes e direcção da fábrica, 26 de Março de 2008.

²³ “Residentes de Angoche Exigem a Reabertura das Fábricas,” *Agência de Informação de Moçambique*, 13 de Dezembro de 2006

²⁴ Entrevista com Sahakti Pal, 28 de Março de 2008.

pitoresca do mar, a escola da aldeia, casa do director da fábrica e o edifício do governo local situavam-se num pequeno monte virado para a principal zona residencial de Geba. As unidades de produção de castanha de caju, arroz e fibra poderiam ser encontradas numa curta distância fora do centro da cidade e os pomares e pequenas machambas formavam o perímetro da cidade.

Geba também funcionou como um centro anfitrião da produção cultural, incluindo eventos desportivos, associações cívicas, entretenimento e campanhas de informação pública abordando assuntos sociais e de saúde.²⁵ Em resumo, a cidade era um centro económico e social auto-contido, organizado com a lógica de concepção modernista e pelos interesses e impulsos do paternalismo corporativo.²⁶ Mas este etos paternalista cortou ambas as formas quando a empresa João Ferreira dos Santos (JFS)- uma das duas únicas fábricas que permaneceram nas mãos dos privados durante o período de nacionalização – encerrou as suas operações em 2002. Geba ficou mergulhado numa crise económica. Os residentes da cidade e os antigos trabalhadores relembram o profundo sentido de desespero em que a cidade mergulhou depois dos encerramentos. “Estávamos perdidos,” observou um antigo trabalhador da fábrica.²⁷ Em pelo menos uma ocasião, a ansiedade associada à brusca falta de opções de sobrevivência numa das zonas com mais insegurança alimentar nas províncias ferveu de tal modo que resultou numa dramática acção dos trabalhadores e das comunidades. Zangados pela falta de pagamento de indemnização de pensão, que alegavam ter-lhes sido prometida e com direito, os trabalhadores trancaram um funcionário da empresa na fábrica durante muitos dias até chegar a polícia e acalmar a situação. As negociações resultaram, foram feitos os pagamentos pelos despedimentos e a polícia escoltou o funcionário em segurança. Até hoje, os trabalhadores alegam que nunca foram pagos.²⁸

Renascimento Industrial: Primeira Geração das Fábricas do Novo Modelo:

Qualquer que seja o estado frágil da indústria no fim da década, a cultura de castanha de caju de Nampula continuou intocável. Afinal de contas, independentemente dos padrões de investimento, os cajueiros irão continuar a produzir e os produtores familiares irão continuar a participar nas economias informais. De facto, com o fim duma era de produção da castanha de caju, um novo conjunto de condições e possibilidades para o renascimento tinha emergido. O arquitecto industrial Shakti Pal gosta de dizer que enquanto existir valor de revenda

²⁵ Entrevista com os residentes em Geba, 28 de Março de 2008, equipa de futebol de Geba, “WW 210” (nome tirado da classe de amêndoa de cajú mais alta) é uma legenda local, tendo acolhido no seu categorizado campo não relvado muitas equipas profissionais das vilas circunvizinhas de Nacala, Monapo e Meconta. Como qualquer boa compensação desportiva, a fim de continuar competitivo, “os melhores jogadores tinham os melhores empregos” na fábrica e era-lhes consequentemente atribuído mais tempo para melhorar as suas capacidades, entrevista com Shakti Pal, Geba, 28 de Março de 2008.

²⁶ Temas de regimentação económica, concepção modernista e engenharia social e industrialização nos contextos rurais são explorados em James C. Scott, *Seeing Like a State: How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed* (New Haven, 1998); Jacquelyn Dowd Hall et al, *Like a Family: The Making of a Southern Cotton Mill World* (Chapel Hill, 1987).

²⁷ Entrevista com residentes em Geba, 28 de Março de 2008

²⁸ Entrevista com Francisco Jaime, Nampula, 29 de Março de 2008

para uma empresa, “fracasso” no negócio “simplesmente significa uma outra oportunidade.”²⁹ De facto, a fábrica de Namige começou como um edifício de blocos de cimento. António Miranda tinha-se recentemente reformado da Coca Cola e estava à procura dum novo desafio. Em 2001, abordou Carlos Costa, o então Director Adjunto da Techno Serve, que referiu um recém concluído estudo sobre a castanha de caju que sugeria que poderia ser um investimento de negócio sólido. A TNS organizou uma visita a Shakti Pal, director de operações da JFS em Geba de 1997 a 2001.³⁰ A reunião foi frutífera dado que a abordagem de Miranda e TNS correspondeu com a energia e ânsia de Pal para reimaginar a indústria de castanha de caju.

Pal, um comprovado inovador na indústria, recorda que o Miranda “não tinha realmente dinheiro, mas uma ideia,” e cada homem ficou imediatamente impressionado com o outro. Eles decidiram prosseguir e a TNS contratou o Pal para formar o Miranda na área castanha de caju. Pal observa que “as pessoas [ainda] não acreditam no modelo, que é a razão pela qual temos como alvo as pessoas que não sabem nada sobre a castanha de caju.” De facto, apenas dois dos vinte e seis clientes da TNS tinham alguns antecedentes na área de castanha de caju. Os preferidos foram os investidores de pequena escala (\$40-50.000 USD) que abraçaram a oportunidade e um espírito de pioneiro, do tipo que teve lugarna aldeia de Namige. Aqui, o mote “faça você próprio” prevaleceu pois Miranda soldava, Pal concebia e a fábrica foi sendo construída inteiramente pelos trabalhadores locais usando materiais locais. Partindo do nada e arregaçando as suas mangas colectivas, Miranda, Pal e os trabalhadores conjuntamente limpavam a mata, dormiram em tendas e deitaram o seu suor em algo que “não se parecia como uma fábrica.” “Era feia,” o Pal recorda.³¹ Talvez, mas funcionou. Em 2002, Miranda abriu a primeira das suas três fábricas, e no dia da abertura do negócio, mais de 1.000 pessoas apareceram para 64 postos de trabalho.³² Dois anos mais tarde, a Miranda Caju estava em funcionamento com uma capacidade de 1.500 toneladas e empregando mais de 400 trabalhadores.³³ O sucesso da Miranda provou ser um projecto eficaz e seis anos depois da abertura de Namige, vinte e quatro fábricas “do novo modelo” estavam em funcionamento em todo o Moçambique, metade no triângulo da castanha de caju. Algumas, tal como a fábrica Condor em Nametil teve que vencer os desafios de arranque, como são os casos do funcionamento durante os primeiros dezoito meses sem electricidade, mas a escala e a flexibilidade contidas no novo modelo são testemunhas da sua singularidade e durabilidade.³⁴

²⁹ Entrevista com Shakti Pal, 28 de Março de 2008,

³⁰ Entrevista com Jake Walter, Maputo, 8 de Maio de 2008.

³¹ Entrevista com Shakti Pal, 25-26 de Março 2008; para um estudo para penetrar o solo sobre o ambiente físico de interacção do ambiente físico e as necessidades agro-industriais; vide Walter Rodney, *A History of the Guyanese Working People, 1881-1905* (Baltimore, 1981).

³² Entrevista com Shakti Pal, 25 de Março de 2008

³³ Artur and Nazneen Kanji, “Satellites and Subsidies: Learning from Experience in Cashew Processing in Northern Mozambique,” 9 de Novembro de 2005

³⁴ Geert Poppe, “The Cashew Project,” manuscrito nos arquivos da TNS

Tabela das Plantas de Processamento da Castanha de caju de Nampula

Nome da fábrica	Localização	Ano da fundação	Número de trabalhadores
Miranda de 1	Namige	2002	1,493
Miranda de 2	Angoche	2004	
Miranda de 3	Meconta	2004	
Africaju Lda.	Namialo	2003	210
IPCCM	Murrupula	2003	223
Moma Caju	Mecone, Moma	2004	112
Alexim Lda.	Luluti	2004	203
Condorcaju 1	Nametil	2005	1,088
Condorcaju 2	Anchilo	(2008)	TBD
Mauricaju	Napaco	2005	-
Olam	Monapo	2005	1,095
Gan Lda.	Mecua	(2008)	TBD

Do Campo para a Fábrica: A Organização do Trabalho

*Antes de eu me juntar à empresa ia à machamba porque sou camponês.*³⁵

-Geremais Feleciano, Namige

*Aos domingos, pego na minha enxada e caminho para a machamba.*³⁶

-Angela Assani, Namige

As comunidades no triângulo da castanha de caju organizam a produção económica de acordo com os ritmos de trabalho da agricultura, ou seja, desde o amanhecer até ao pôr do sol e com os “ritmos naturais” de cultivar. O trabalho e a vida são misturados na “orientação das tarefas” com pouco conflito entre os dois. A agricultura de subsistência e o modo doméstico de produção significam que a produção e o consumo existem dentro duma unidade económica e sob um único tecto. Além disso, o trabalho físico e a distribuição não são ditados pelas relações de mercado e estão num contraste claro com os impulsos da venda da sua força de trabalho à fábrica. Não surpreendentemente, são obrigações agrícolas, particularmente durante as estações de sementeira e colheita, que totalizam uma taxa de absentismo de quase trinta por cento de toda a indústria. Como observou Carlos Costa, Presidente da Associação dos Processadores de Castanha de Caju de Moçambique e a Aliança Africana de Castanha de Caju, “a mente rural não é

³⁵ Entrevista com Geremais Feleciano, 30 de Abril de 2008, Namige, entrevista conduzida por Belchion Mario

³⁶ Entrevista com Angela Assani, 30 de Abril de 2008, Namige, entrevista conduzida por Belchion Mario

industrial.”³⁷ Neste estudo clássico da industrialização inicial na Inglaterra, o historiador E.P. Thompson escreve que os trabalhadores assalariados que transitam da machamba para a fábrica “enfrentam uma distinção entre o tempo dos seus empregadores e o seu “próprio tempo”. E o empregador deve usar o tempo dos seus trabalhadores e verificar que não é desperdiçado: o factor dominante não é a tarefa mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro.”³⁸

Transitando do processo de produção conduzido pela natureza e as preocupações agrárias para um processo orientado pelo tempo, as relações da repetição e remuneração são de facto um negócio enganador. Comentando há cerca de vinte anos atrás sobre a falta de disciplina industrial que estava a prejudicar os esforços do país para se modernizar, o antigo Presidente de Moçambique, Samora Machel, lamentou que um número demasiado de trabalhadores estivesse a “usar as suas máquinas como almofadas.”³⁹ E com apenas catorze por cento dos trabalhadores em Angoche, Namige e Meconta reportando qualquer experiência anterior de trabalho industrial, um dos desafios supremos que a indústria enfrenta é a de recrutar com sucesso a mão de obra e inspirar uma fábrica com ética de tempo e trabalho.⁴⁰

Das entrevistas com os trabalhadores, agricultores, comerciantes e membros da comunidade, emerge uma imagem sobre como e porquê as pessoas se dirigem ao portão da fábrica. Não surpreendentemente, dados os suportes agrícolas da região, as pessoas geralmente procuram emprego primeiro na fábrica quando um determinado conjunto de necessidades requer uma solução monetária imediata. Talvez ele ou ela tenham contas por pagar, bens domésticos por comprar, ou a necessidade de novas ferramentas ou sementes agrícolas. Aqui, as escolhas de trabalho são vistas como casuais, transitórias e tipicamente como um complemento, não um substituto, para a mão de obra agrícola.⁴¹

Além disso, a falta de acesso a terras e mercados férteis e o impacto da seca, desastres naturais e doenças geralmente conspiram para forçar outras práticas económicas e conduzir as famílias agrícolas para o trabalho da fábrica. De acordo com um estudo, a Província de Nampula ocupa o lugar mais destacado em Moçambique para a percentagem das famílias (20 a 30%) que complementam a sua

³⁷ Entrevista com Carlos Costa, 20 de Junho de 2008.

³⁸ E.P. Thompson, “Time, Work-Discipline and Industrial Capitalism,” *Past and Present*, 38 (1971)

³⁹ Barry Munslow, ed., *Samora Machel: An African Revolutionary, Selected Speeches and Writings* (London, 1985), 117

⁴⁰ TechnoServe Comprehensive Survey of Cashew Factory Workers in Nampula, nas pastas de TechnoServe.

⁴¹ Entrevista com Novais Manuel, supervisor da secção de descasque, Fábrica de Meconta, 30 de Abril de 2008; Entrevista com Mariamo Rassul, supervisor da secção de descasque, Fábrica de Meconta, 30 de Abril de 2008; Entrevista com Shakti Pal, 25 de Março de 2008; Para uma recontagem brilhante dos ritmos sazonais do trabalho agrícola na África Austral durante o século vinte, e uma visão sobre como os pequenos proprietários, produtores a meias e agricultores arrendatários têm historicamente procurado a mão de obra assalariada como um suplemento necessário para o rendimento e sobrevivência agrícola, vide Charles Van Onselen, *The Seed is Mine: The Life of Kas Maine, A South African Sharecropper, 1894-1985* (New York, 1996)

vida de subsistência com um emprego casual (*ganho-ganho*).⁴² Dentro de Nampula, as extensões da costa nortenha da província ocupam uma sub-zona particularmente importante para registar as ligações entre a insegurança alimentar e migração de mão de obra. Esta área representa uma das zonas com maior insegurança alimentar na região e as povoações pobres têm uma tradição de procurar emprego fora em ambos os anos de colheita “normal” e “má”.⁴³

As estratégias de migração, de facto, ocupam um importante capítulo na história laboral de Moçambique, especialmente quando consideradas em função do historial das longas relações do país com as minas sul africanas. Com o início no século dezanove, mais de 100.000 moçambicanos em média, emigram anualmente para trabalhar nas minas de ouro e campos de cana de açúcar da África do Sul. Ao contrário da força de trabalho na castanha de caju, que tende a ser assegurada através de redes familiares ou, no caso dos residentes de Geba através de relações directas e históricas com a indústria, a migração de mão de obra para África do Sul era uma política estatal formal. Apesar de não ser a responsabilidade do estado, o recrutamento da mão de obra era feito pela Associação de Trabalho dos Nativos de Witwatersrand em estreita coordenação com a administração colonial portuguesa. Ao atingir a sua quota anual de recrutamento, à administração portuguesa era garantida divisas em forma de ouro sul africano e o uso do sistema de portos e caminhos de ferro de Moçambique para o transporte do ouro.⁴⁴

⁴² Secretariado Técnico do Grupo de Análise da Segurança Alimentar e Vulnerabilidade Nutricional em Moçambique” (Maputo, Dezembro de 2006), 23-24, 37

⁴³ FEWS NET and Ministry of Agriculture and Rural Development, “Food Economy Profile Baseline and Current Year: Coastal Nampula and Southern Cabo Delgado (2002),” 2-5

⁴⁴ Helena Dolny, “The Challenge of Agriculture,” in John Saul, ed., *A Difficult Road: The Transition to Socialism in Mozambique*, (New York, 1985), 214-223; Em relação ao trabalho migratório moçambicano nas minas sul africanas, vide Jonathan Crush, David Yudelman, and Alan Jeeves, *South Africa’s Labor Empire: A History of Black Migrancy to the Gold Mines* (Boulder, 1991); Alan Jeeves, *Migrant Labour in South Africa’s Mining Economy: The Struggle for the Gold Mines Labour Supply, 1890-1920* (London, 1962); Charles Van Onselen, *Studies in the Social and Economic History of the Witwatersrand, 1886-1914* (London, 1982); Ruth First, *Black Gold: The Mozambican Miner, Proletarian and Peasant* (New York, 1983); Patrick Harries, *Work, Culture and Identity: Migrant Laborers in Mozambique and South Africa, ca. 1860-1910* (Hienemenn, 1994); Em relação à experiência da migração rural para migração urbana na mina de cobre da Zâmbia, ver James Ferguson, *Expectations of Modernity: Myths and Meanings of Urban Life on the Zambian Copperbelt*, (Berkeley, 1999).

Dentro da Fábrica

A máquina é impessoal, tira o orgulho do pedaço do trabalho, os méritos individuais e defeitos que vão conjuntamente com todo o trabalho que não é feito pela máquina – isto é, é um pouco de humanidade.

- Freidrich Neitzsche

Para restringir a máquina e limitar a arte para o artesanato é uma negação da oportunidade-

Lewis Mumford

O novo modelo do processamento de caju faz um equilíbrio entre o poder da mão de obra e a tecnologia de forma bem adequada para as condições moçambicanas. Enquanto as inovações mecanizadas estão a demonstrar uma grande promessa, a ênfase da indústria na promoção do processamento doméstico e o alcance de produtos de alta qualidade sugere resultados superiores, particularmente na área descasque, onde podem ser melhor alcançados através do trabalho manual.⁴⁵ Porém, o uso de máquinas ou trabalho manual poderá geralmente ser determinado por vezes pelo acesso ao capital, ritmo tecnológico, força ou fraqueza dos sindicatos, e a disponibilidade de mão de obra barata. Além disso, os trabalhadores e também a direcção geralmente possuem relações surpreendentes e conflituosas com a maquinaria. Por exemplo, nos primeiros dias do novo modelo muitos trabalhadores resistiam à mudança da máquina para a tecnologia manual, equacionando a adaptação do corte semi-mecânico como “perda de estatuto.” E, por sua vez, alguns processores viam a mudança rumo à semi-mecanização como um caminho rumo à “desindustrialização.”⁴⁶

Mas com o lançamento do novo modelo, questões relativas à magnitude em que a maquinaria deveria ser utilizada no processamento e a forma como uma fábrica deveria ser melhor organizada foram pelo menos respondidas momentaneamente. No estilo de Taylor, cada elemento de processamento foi alinhado, cronometrado, medido e adequadamente encaixado nas necessidades da mão de obra e da produção.⁴⁷ Ao contrário da agricultura, a massa produzida e o regime natural de trabalho da fábrica permite pouca autonomia ou controle no ponto de produção. Os trabalhadores de castanha de caju não são artesãos no sentido tradicional, mas pelo

⁴⁵ Ditlev Schwanenflugel and Fernanda Marques Pinto, “Miranda Expansion Project: Building a World Class Cashew Industry in Mozambique,” August 23, 2002, 19; Peter Jaeger, “The Global Market for Cashew Nuts: A Position Paper,” (Accord Associates, 1999), 4-5

⁴⁶ (Abt), 4.5.1 Health Care Issues: Hand Care, pp 4.9-4.10

⁴⁷ ‘Taylorismo’ refere à aplicação de princípios de gestão científica para a organização da fábrica. Estas teorias de gestão e organização são geralmente mais associadas com o Frederick Winslow Taylor, um engenheiro americano e voz principal no “movimento de eficácia” dos princípios do Século vinte. Sobre a gestão científica, métodos de trabalho, planificação e organização da fábrica baseia-se em estudos de tempo e movimentos de tarefas específicas, F.W. Taylor, *The Principles of Scientific Management* (New York, 1914). Para um exame da resposta de Taylorismo e trabalhadores nos Estados Unidos, vide David Montgomery, *Workers' Control in America: Studies in the History of Work, Technology, and Labor Struggles*, (New York, 1979); O estudo de Adrian Peace da fábrica nigeriana de trabalhadores também oferece uma análise profunda da organização do local de trabalho, vide ace, *Choice, Class and Conflict: Study of Southern Nigerian Factory Workers* (Harvester, 1979).

contrário o que poderíamos chamar de “operadores manuais”. Isto é, eles não são proprietários das suas próprias ferramentas e maquinaria e nem se engajam em qualquer produção especializada. De uma forma modesta, os descascadores e os classificadores ajudam a determinar o produto de qualidade e assim ocupam um determinado nível de competências, mas os trabalhadores em geral estão pelo contrário em grande parte divorciados de qualquer comando real sobre o seu comércio.⁴⁸

Na consideração da organização da fábrica, porém, pouco foi escrito sobre as condições e características do próprio trabalho de castanha de caju. Além do perfil demográfico padrão ou descrição básica dum determinado nicho de trabalhadores no processo de produção, sabemos pouco dos homens que transpiram nas salas de cozimento a vapor da fábrica, das mulheres que passam os seus dias descascando e classificando a mercadoria, ou dos trabalhadores que operam a maquinaria de corte com uma precisão meticulosa. Quais as suas experiências de trabalho? Quais são os hábitos, pensamentos e vida doméstica dos trabalhadores da fábrica? Explorando algumas destas questões é essencial se quisermos compreender a natureza da mudança de vida e de trabalho no triângulo da castanha de caju.

Na A Sala de Corte

Num sala vagamente iluminada dum antigo armazém convertido, aproximadamente 100 jovens com as mãos espumadas de óleo de rícino, expressões em grande parte estóicas, passam o dia de trabalho removendo a casca da castanha de caju com um simples movimento que irão repetir até 5.000 vezes por dia. Em cada estação de corte cada trabalhador, vai pegar numa castanha do grande montão na mesa e colocá-la entre duas lâminas, que são depois juntas pelo pedal e alavanca manual. Depois de quebrar a castanha com a máquina, a maioria dos trabalhadores irá remover a castanha da sua casca com a mão enquanto os outros usam uma pequena faca perfurada. Pedalar, partir, lançar num balde. Quando o balde estiver cheio, o trabalhador irá levá-lo para ser pesado. Isto é repetido várias vezes até ser atingido o padrão mínimo diário de 35 quilogramas. Pelos seus esforços, um trabalhador efectivo irá vencer aproximadamente 1.200 meticais (USD \$48) por mês.⁴⁹

Mesmo com a maioria dos trabalhadores geralmente tendofalta de experiência de fábrica, a simplicidade e génio do desenho da máquina de corte, permitem um nível

⁴⁸ Para um estudo clássico das relações históricas entre a tecnologia e os trabalhadores, vide Raphael Samuel, “Workshops of the World: Steam Power and Hand Technology in Mid-Victorian Britain,” *History Workshop Journal*, No. 3 (Spring 1977), 6-72; Sobre o controle artesanal, gestão e organização da fábrica, vide Jeffrey Haydu, *Between Craft and Class: Skilled Workers and Factory Politics in the United States and Britain, 1890-1922* (Berkeley, 1988)

⁴⁹ Peter Jaeger, “*The Global Market for Cashew Nuts: A Position Paper*,” (Accord Associates, 1999), 4-5; No dia 2 de Maio, o governo anunciou um aumento de 13% no salário mínimo dos trabalhadores industriais e um aumento de 11,5% para o sector agrícola. Nos termos acordo do novo salário mínimo, os trabalhadores de caju são classificados como trabalhadores agrícolas e irão agora ganhar o salário mínimo de 1350 meticais (\$55 USD), Mozambique News Agency Reports No. 320, “New Minimum Wage Adopted,” 16 de Maio de 2008

bastante previsível de produção. Mas enquanto as máquinas de corte são negociadas em \$90 USD por mesa, elas não funcionam automaticamente e são accionadas pela força humana que no final de contas conduz e determina a produtividade no presente cálculo das operações da sala de corte. Como Raphael Samuel observou no seu estudo dos trabalhadores industriais do século dezanove na Grã-Bretanha, o processo laboral é “dependente da força, competências, rapidez e confiança do toque do trabalhador individual ao contrário das operações simultâneas e repetitivas da máquina.”⁵⁰ A sala de corte é quase exclusivamente composta de trabalhadores masculinos com apenas uma fábrica em Monapo, gerida pela transnacional Olam, invertendo este padrão organizacional do sector de corte. Na Olam, as mulheres totalizam 82% da força de trabalho da secção de corte e desempenham o trabalho utilizando uma máquina com assento concebida para ser accionada pelos dois pés, replicando o modelo indiano de produção.⁵¹

Casa das Caldeiras

Antes das castanhas chegarem à sala de corte, elas devem ser cozidas a fim de tornar a casca frágil para partir e remover. Rodrigues Abakar foi transferido para Namige de Geba para trabalhar na fábrica. Aos fins de semana ele “pega na sua enxada e vai à machamba” para produzir amendoim, mandioca, milho e batata doce, mas o resto da semana passa trabalhando na sala de cozimento a vapor nas Indústrias de Miranda. Abakar chega ao trabalho cedo de manhã, tipicamente às 5:30, para acender o lume da sala de cozimento a vapor, ele e os seis colegas irão carregar a castanha de caju num “pote” de vapor de tamanho industrial onde irão “assar” por um período de tempo até uma hora, antes de ser removida e deixada a arrefecer. Com a excepção dum intervalo para o almoço, este trabalho irá continuar até ao fim da tarde.

Num dia ocupado, os trabalhadores assam acima de quatro toneladas enquanto num dia calmo poderão ver metade dessa quantidade. Em troca para o seu trabalho, os trabalhadores da sala de cozimento a vapor irão em média ser compensados 42 meticais por dia ou aproximadamente 1.200 por mês. A empresa também providencia máscaras, botas e luvas bem como leite para aliviar os efeitos do fumo.⁵² Assar é um passo crucial no processo e requer até certo grau de monitoria e formação, mas é um método relativamente testado. O principal desafio enfrentado pelos trabalhadores na sala das caldeiras e salas de cozimento a vapor consiste em acomodar o fumo extremamente quente e pesado e a mão de obra fisicamente exigente de constante remoção com a pá ou carregamento de sacos de oitenta quilogramas por um período de tempo até oito horas.⁵³

⁵⁰ Samuel, “Workshops of the World,” 44

⁵¹ Visita de campo às fábricas de Nametil, Angoche, Angoche-Napaco, e Namige Mogincual, Notas de Campo, 3/25-3/27/08; Entrevista com T. Cropinath, Indústrias de Olam, Manapo, 1 de Abril de 2008.

⁵² Entrevista com Rodrigues Abakar conduzida por Belchion Marion, Namige, 30 de Abril de 2008.

⁵³ Visita de campo às Fábricas de Nametil, Angoche e Namige, 27-29 de Março; Entrevista com Augusto Zacarias, conduzida por Simba Siebo, Namige, 28 de Março de 2008.

Enquanto a cozimento a vapor a a vapor das castanhas prepara-as para o corte, não remove o líquido da casca da castanha de caju (LCC), um líquido viscoso castanho avermelhado que pode atacar as mãos dos trabalhadores.⁵⁴ O contacto prolongado pode causar queimadura, mudanças na cor da pele e rupturas, e os trabalhadores em toda a indústria, particularmente na Inducaju, fábrica no Corredor de Nacala “com uma história de problemas laborais,” há tempo que reclamavam sobre inchaços que se desenvolviam nas suas mãos.⁵⁵ A indústria respondeu com uma solução, porém, quando introduziu o uso do óleo de rícino, que quando untado nas mãos protege-as dos efeitos do LCC. Usado agora em quase todas as unidades moçambicanas de processamento, os trabalhadores aplicam uma camada em cada trinta minutos ou mais para criar uma barreira entre a pele e o LCC. O óleo de rícino é resistente a ácidos e contém aditivos especiais que reduzem a irritação da pele. Essencialmente, a aplicação funciona como uma luva líquida.⁵⁶

Fazendo a Classificação

Em contraste com a sala de corte e de cozimento a vapor sendo quase exclusivamente realizado por homens, a secção de despeliculagem é tipicamente constituída por mulheres trabalhadoras. Em geral, as mulheres ocupam aproximadamente um terço dos postos de trabalho no seio da indústria, mas constituem a maioria na secção de despeliculagem. O trabalho que Teresa Maida desempenha é directo. Logo que as castanhas tiverem sido cozidas, cortadas e secadas, a pele exterior é removida, que é feito com uma pequena faca. A despeliculagem requer alguma dexteridade e cada trabalhador desenvolve a sua própria abordagem e ritmo mas como no descasque, a definição da sua característica consiste numa repetição como o duma máquina e um movimento bastante padronizado.⁵⁷ Em média, um trabalhador pode descascar entre sessenta a noventa quilos por semana e ganhar até sessenta meticais por dia.⁵⁸ Enquanto existem presentemente muitas inovações mecânicas promissoras sendo desenvolvidas para atingir este resultado, as fábricas de Nampula presentemente dependem do trabalho manual de pessoas como Theresa, uma mãe solteira de trinta e cinco anos com três filhos. Todas as manhãs, ela deixa os seus dois filhos na sua casa “sombria” e vai ao serviço para que possa ganhar “o suficiente para comprar farinha.” Ela trabalha na fábrica há três anos e vê pouca mudança na sua vida. Quando não está a trabalhar, ela toma conta dos seus filhos, cultivava uma pequena

⁵⁴Existe um mercado de LCC, particularmente na África do Sul, Coreia do Sul e Japão, para a sua aplicação nas indústrias químicas. A indústria da castanha de caju de Moçambique está presentemente a explorar o desenvolvimento deste mercado de nicho, que iria requerer um investimento bastante modesto e elevar as actuais operações da fábrica, Schwanenflugel e Pinto, “Miranda Expansion Project: Building a World Class Cashew Industry in Mozambique,” 47-48.

⁵⁵ Abt. Associates, “Assessment of the Status of Competitiveness and Employment in the Cashew Processing Industry in Mozambique, 4.5.1 Health Care Issues: Hand Care, pp 4.9” (November 1999)

⁵⁶ Rakesh Gupta, *Improving Workers Safety with Better Production Process in the Cashew Processing Plants of Mozambique* (Techno Serve, Mozambique, May 22, 2006).

⁵⁷ Peter Jaeger, “*The Global Market for Cashew Nuts: A Position Paper*,” (Accord Associates, 1999), 5

⁵⁸ Entrevista com Amade dos Santos Oscar e Momade Abakar, conduzida por Belchion Mario, Namige, 30 de Abril de 2008.

porção de terra ou, se conseguir um tempo livre inesperado, irá ao cinema ou escutar a rádio.⁵⁹

A classificação é a última etapa antes do empacotamento e envolve a selecção de cerca de vinte e seis categorias de castanhas com 180, 210, 240, 320 e 450 sendo as variedades dominantes. W320 é o preço de referência no mercado internacional (see English version it seems that does not command is a reference price) e representa aproximadamente trinta a quarenta por cento das exportações da castanha de Moçambique através da Global Trading, um importador baseado na Holanda.⁶⁰ A indústria fez muitos progressos na melhoria da qualidade global através da prestação de assistência técnica e realização de centros de formação para os produtores. Como resultado, classes de qualidade mais alta estão agora a chegar directamente à porta da fábrica.

Na própria secção de classificação, os trabalhadores sentam-se nas mesas cheias de castanhas e escolhem à mão, dividindo as diversas classes em travessas individuais de aço inoxidável. Logo que uma travessa estiver cheia é carregada para a estação de pesagem para inspecção e registo crédito. O trabalho é monótono mas a classificação requer um bom olho e envolve certo investimento em formação pela parte da empresa. Normalmente, um trabalhador na secção de classificação irá escolher aproximadamente 100 quilos por semana numa taxa de 45 meticais por dia.⁶¹ Logo que forem pesadas e aprovada a sua qualidade para o mercado, as castanhas estão prontas para o empacotamento. A preparação da castanha de caju para carregamento é um processo simples mas exige um investimento unitário bastante significativo em tecnologia e maquinaria. Uma sala de empacotamento típica necessita dum gerador eléctrico e uma máquina de empacotamento, que juntamente custam mais de \$20.000 USD. Com esta tecnologia, a castanha de caju classificada é posta numa caixa de forma cilíndrica, introduzido Co2 e selado a vácuo em pacotes de vinte e cinco quilos.⁶² Em média, um trabalhador como Jose Rock irá empacotar entre vinte e quatro e trinta e duas caixas por dia e ganhará 1.200 meticais por mês. Rock, casado e pai de um filho, vendia peixe em Nampula antes de ocupar o posto na fábrica. Ele está contente com os colegas e geralmente satisfeito com o seu trabalho em particular, mas ele luta para sobreviver através do seu salário.⁶³

“Seis Anos de Xima”

O dilema do senhor Rock oferece uma importante janela na vida económica e social em rápida mudança na região. Entre os trabalhadores no triângulo da castanha de caju existe uma relação complexa e geralmente conflituosa com a indústria. Os trabalhadores e membros da comunidade quase universalmente dizem

⁵⁹ Entrevista com Teresa Maida, conduzida por Belchion Mario, Namige, 30 de Abril de 2008.

⁶⁰ Akingbe et al, “Cashew Nuts in Mozambique: Recommendations for Developing a Viable Sector,” 2

⁶¹ Entrevista com Angela Assani conduzida por Belchion Mario, Namige, 30 de Abril de 2008.

⁶² United States Agency for International Development, “Cashew Quality Standards,” Cashew Development Project, n.d; Schwanenflugel and Pinto, “Miranda Expansion Project: Building a World Class Cashew Industry in Mozambique,” 19.

⁶³ Entrevista com Jose Rock conduzida por Belchion Mario, Namige, 30 de Abril de 2008.

que a vida é melhor desde a chegada da indústria, frequentemente citando as “bonitas novas casas” e crescentes oportunidades económicas.⁶⁴ Na fábrica de Namige, um trabalhador da sala de corte desejava “agradecer a Deus pelo facto de António Miranda ter construído a fábrica em Namige” e um coro doutros expressou a apreciação pelos “grandes benefícios para a comunidade.”⁶⁵ Os trabalhadores recontam como Namige foi transformado numa “mata” para uma vila “viva” onde os postos de trabalho e os vencimentos ofereceram novas oportunidades. Os pais contam como têm dinheiro para comprar a roupa escolar, material e livros para os seus filhos, materiais para construir ou melhorar as suas casas, e mesmo tolerar um artigo de luxo ocasional, tal como um rádio, numa das muitas novas lojas da vila.

Ao mesmo tempo, os trabalhadores não escondem as queixas do local de trabalho. As correntes de zanga e apreciação competem uma com a outra à medida que os trabalhadores consideram a sua vida quotidiana como trabalhadores da fábrica. Dentro das secções de corte, descasque e classificação das unidades de Angoche, Namige e Meconta, quarenta e quatro por cento dos trabalhadores inquiridos acreditavam que deviam receber salários mais altos, alegando que os baixos salários pagos pela fábrica geravam “pouca motivação” e ofereciam apenas a ajuda suficiente para satisfazer as necessidades básicas. Os outros vinte por cento priorizavam melhor comida como a área número um para a satisfação melhorada no local de trabalho.⁶⁶ Um trabalhador veterano reclamou, “Tenho estado a vir aqui desde que a fábrica abriu e todos os dias comemos a mesma coisa, xima e feijão. Xima e feijão. Na fábrica, foram seis anos de xima.”⁶⁷

Em relação à saúde, os trabalhadores citam relativamente poucos acidentes directos de trabalho mas expressam insatisfação com o que consideram como falta de apoio da empresa para o seu bem estar global. Um trabalhador explicou, “eles não se preocupam connosco.” Uma queixa frequente gira à volta da falta de licença de parto adequada dado que às mulheres é geralmente concedido entre dois a três meses de licença sem vencimento.⁶⁸ Além disso, os trabalhadores apontam a falta de informação e recursos gerais de saúde, particularmente em relação ao HIV/SIDA e malária. Finalmente, os trabalhadores citam uma gama de assuntos de saúde que poderão ou não ser específicas da indústria, incluindo dores de peito, coluna e dores de pernas e queimaduras nas mãos sendo entre as doenças mais comuns reportadas. Estas queixas, porém, mostraram um grande grau de variação em termos de frequência, área de trabalho e fábrica específica e necessitam de mais pesquisa.⁶⁹

⁶⁴ Entrevistas com Angela Assani, Geremias Feleciano, Jose Rock, Momade Abakar, Namige, 30 de Abril, 1 de Maio de 2008.

⁶⁵ Ibid.

⁶⁶ TechnoServe Comprehensive Survey of Cashew Factory Workers in Nampula, in TechnoServe files; Entrevista com os trabalhadores na secção de corte da fábrica de Namige, 30 de Abril de 2008

⁶⁷ Entrevistas com Angela Assani, Geremias Feleciano, Amade dos Santos Oscar, Jose Rock, Namige, 30 de Abril de 2008

⁶⁸ Entrevistas com trabalhadores nas secções de descasque e de classificação das Fábricas de Namige e de Meconta, 30 de Abril – 1 de Maio de 2008.

⁶⁹ TechnoServe Comprehensive Survey of Cashew Factory Workers in Nampula

Como interpretamos o sentido das relações de amor-inveja que os trabalhadores parecem ter desenvolvido com a indústria? Estas tensões e contradições competitivas podem talvez ser vistas como um produto de uma identidade emergente de salário-trabalhador, mesmo se a maioria das mãos da fábrica, no final das contas se continuam a ser camponeses. A maioria dos trabalhadores, parece, originalmente procurarem trabalho de castanha de caju para custear as despesas básicas e imediatas. Mas à medida que a ocupação se acumula e os traços do trabalho assalariado se tornam mais comuns, porém, os trabalhadores começaram a ver-se como parte do sistema da fábrica. Além disso, estes novos assalariados e a comunidade em geral estão a criar e a ficar integrados numa economia própria de consumidores, baseada no dinheiro.

Em resumo, os camponeses estão a *tornar-se* trabalhadores e as comunidades agrícolas estão a *tornar-se* vilas de mercado. Mas isto é um processo, não um evento. Assim, as explicações da persistente pobreza e preocupações do local de trabalho são também geralmente vistas de forma mais tradicional, ou na língua local de uma “boa colheita” que falhou ser partilhada de forma igual. Usando a concepção do antropólogo James Scott de uma “ética de subsistência comunitária” como guia, poderá ser razoável sugerir que em certos momentos as comunidades agrícolas imaginam e traduzem as práticas e relações que orientam a vida agrícola para o contexto da fábrica. Ou seja, os trabalhadores, especialmente aqueles acostumados à agricultura primeiro para a família, depois para a comunidade, e apenas depois para o mercado, poderão ver a riqueza resultando da crescente produção na fábrica como algo que deveria ser logicamente distribuído mais amplamente.

Mas as crenças do costume sobre a distribuição da riqueza e preocupações específicas do local de trabalho geralmente submetem-se à aceitação colectiva do papel positivo que a fábrica desempenhou no desenvolvimento da comunidade em geral. Quando os trabalhadores desfilam sob o dístico da fábrica no dia 1 de Maio, estão a expressar as identidades aparentemente conflituosas do trabalhador consciente e o trabalhador leal. E com os sindicatos ocupando uma posição relativamente fraca no seio da indústria, as identidades do trabalhador são forjadas não através das instituições mas ao contrário através de redes pessoais e informais há muito tempo removidas do ponto de produção. Como resultado, os procedimentos de greves ou reclamações formais são raros e a insatisfação no local de trabalho é geralmente expressa através de quebras de ritmo de trabalho ou absentismo, uma estratégia altamente duvidosa dada a perda do potencial rendimento ou formas mais subtis de acção de trabalho tais como “comer no trabalho.”⁷⁰ Por seu turno, a indústria diz que deseja sindicatos fortes para servirem

⁷⁰ Abt. Associates, Assessment of the Status of Competitiveness and Employment in the Cashew Processing Industry in Mozambique, 4.5.4 Non-Salary Incentives and Labor Relations, pp. 4.11-4.12 ; Comendo no serviço não pode apenas reflectir uma fome óbvia, mas também representa uma forma de resistência da disciplina do tempo de trabalho da fábrica, regras da direcção e do trabalho. Para um estudo esclarecedor sobre as formas “escondidas” do protesto nas sociedades agrícolas, vide, James C. Scott, *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts* (New Haven, 1992)

como parceiros iguais. Na fundamentação da indústria, os sindicatos vibrantes significam uma mão de obra estável e disciplina industrial, e a sua presença e advocacia podem ajudar o governo a avançar para um maior investimento no que os trabalhadores desejam como são os casos da saúde comunitária e assistência em pensões.⁷¹

Transformação Rural: Da Vila Camponesa para a Vila de Mercado

A estrada que liga Nampula e Mogincual é acidentada e, dependendo da estação do ano, uma rota poeirenta e lodosa. Durante o caminho a paisagem é dominada por uma dispersão de palhotas tradicionais, machambas, as únicas formações rochosas vulcânicas da província e dos sempre presentes cajueiros. Esta exibição constante é apenas interrompida por serrações ocasionais, em cada quinze quilómetros ou mais, uma pequena vila - especificamente, um centro comercial e administrativo como Corrane ou Liupo. Uma vila “típica” irá incluir poucos edifícios do período colonial, uma ou mais lojas pequenas e uma escola geralmente com o nome dum herói ou duma data significativa na luta contra o regime português.

Em 2007, uma estimativa de 131.561 pessoas viviam no distrito de Mogincual com mais de noventa por cento da população activa engajada em alguma forma de agricultura, floresta e pesca.⁷² Em geral, as oportunidades de emprego são escassas e os constrangimentos na produção alimentar são significativas dado que para a subsistência dos agregados familiares são forçados a procurar a vida nas dunas costeiras de areia e nos solos pantanosos que caracterizam a paisagem. Em Mogincual o agregado familiar médio possui menos de um hectare de terra, e mais de quarenta por cento das famílias da zona ganham menos de \$60 por mês. Além disso, essas mesmas famílias em média irão gastar tipicamente sessenta e nove por cento do seu limitado rendimento em comida. No seio da unidade do agregado familiar e mercado, a mandioca representa a principal cultura de produção e consumo. Outras culturas principais incluem milho, arroz e bananas.⁷³ Os dados mais recentes que temos mostram que, em 2003, os camponeses de Mogincual produziram 1.886 toneladas de arroz, 1.893 toneladas de milho e produziram 13.489 hectares de mandioca com o rendimento de retorno de sessenta e oito toneladas.⁷⁴ (see English version, average per ha?)

A insegurança alimentar em Nampula é motivada pela falta de acesso aos mercados bem como a falta de poder de compra.⁷⁵ Dentro da província, as zonas costeiras têm

⁷¹ Entrevista com Carlos Costa, Maputo, 20 de Junho de 2008.

⁷² “População por Distrito e Província, 2007,” Instituto Nacional de Estatística; República de Moçambique, Ministério de Administração Estatal, *Perfil do Distrito Mogincual Província de Nampula, Edição de 2005*, 9

⁷³ FEWS NET and Ministry of Agriculture and Rural Desenvolvimento, “Food Economy Profile Baseline and Current Ano: Costal Nampula and Southern Cabo Delgado (2002), 1-4

⁷⁴ República de Moçambique, Ministério da Administração Estatal, *Perfil do Distrito Mogincual Província de Nampula, Edição de 2005*, 9; Save the Children-US, “Província de Nampula Details, District Characteristics.”

⁷⁵ S. Chaiken, *Wealth, Inequality, Vulnerability and Coping Strategies: Conditions of Hunger and Food Security in Nampula Province*, 2007.

o solo mais pobre e as precipitações mais baixas e os residentes dependem imensamente de mandioca como comida básica e ocasionalmente como uma cultura de rendimento. Em toda a província, as produções de culturas agrícolas são tipicamente trinta por cento mais baixas que as dos países vizinhos devido à falta de fertilizantes e o uso de técnicas de agricultura de corte e queimadas para manter a produção e fertilidade do solo.⁷⁶

Nas zonas de subsistência, a produção de culturas de rendimento é mais do que propriamente uma obra do acaso sorte inesperada. Nas primeiras poucas estações depois da sementeira, os camponeses simplesmente esperam ter comida suficiente para uso em casa. Com mais campo preparado para trabalho e dependendo da produção, “as comunicações” com os comerciantes poderão eventualmente ser estabelecidas. Mas os pequenos camponeses, cujo sucesso já depende duma delicada combinação de tempo, clima, trabalho árduo e sorte, não estão inclinados a arriscar ou acomodar a participação nos mercados alargados. Além disso, o cultivo de culturas de rendimento tais como algodão, tipicamente requerem uma campanha completa de trabalho de mão de obra intensiva apenas para obter a terra limpa e em condições apropriadas. E no caso do algodão, tal produção tem um suporte poderoso na memória colectiva de muitos moçambicanos. Durante o período colonial, o estado português forçou os camponeses a produzir algodão à custa de produção de subsistência ou no prosseguimento de outro modo de vida. A pobreza, sofrimento, brutalidade e fome foram os legados cruéis desta política colonial.⁷⁷

Em última instância, a história oral das comunidades camponesas é registada e lembrada de acordo com as estações “boas” e “más”. Como James Scott observou no seu estudo dos produtores de subsistência no sudeste da Ásia, os agricultores camponeses “preferem minimizar a probabilidade do desastre em vez de maximizar o seu retorno médio.”⁷⁸ Tais considerações e forças económicas informam o quadro básico da vida e trabalho na zona rural em Nampula.

Ainda, para além da sabedoria recebida duma comunidade de subsistência, a aldeia de Namige enfrentou um crescimento rápido e diferenciado desde que a fábrica de castanha de caju fábrica chegou. Desde 2002, o número de vendedores no mercado central ultrapassou o triplo, um novo hotel de oito quartos entrou recentemente em funcionamento, e o ironicamente chamado Bar Escondidinho está em pleno funcionamento. Até se fala duma segunda discoteca abrindo brevemente. Procurando oportunidades, os emigrantes de Geba, Zambézia, Niassa e Cabo

⁷⁶ Ministério da Agricultura, *Prioridades de Desenvolvimento Agrário*, 2006-2009

⁷⁷ Em relação ao cultivo forçado de algodão durante o período colonial, vide Allen Isaacman, *Cotton is the Mother of Poverty: Peasants, Work, and Rural Struggle in Colonial Mozambique, 1938-1961* (Heinemann, 1996).

⁷⁸ James Scott, *The Moral Economy of the Peasant: Rebellion and Subsistence in Southeast Asia*, (New Haven, 1976), 7, 35-90

Delgado estabeleceram-se em Namige, contribuindo para o aumento de 15% da população no distrito de Mogincual ao longo dos últimos três anos apenas.⁷⁹

O Director da Escola Primária de Namige, Armindo Emilio, chama a fábrica de castanha de caju um “instrumento na luta contra a pobreza.” Armindo, casado e pai de nove filhos, lembra-se do tempo quando as escolhas de carreira dos residentes eram limitadas à pesca, agricultura e a rara sorte dos poucos que estudaram e tornaram-se professores. Mas além de novos postos de trabalho e oportunidades alargadas, ele sente uma mudança global no comportamento económico porque a presença de salários mensais conduziram alguns a poupar e investir em novos empreendimentos. Especialmente, o Armindo aponta para alguma coisa como um mini-rápido crescimento na construção de novas casas, pequenas lojas e casas de acomodação.⁸⁰ Similarmente, o crescimento das vilas iluminaram novos interesses em Namige entre professores, enfermeiros e trabalhadores do governo bem como em empresários como Fatima Sualehe, uma proprietária dum bar de Namialo, que passou o feriado do dia 1 de Maio visitando a sua cunhada para explorar o tipo de negócio que ela poderá introduzir em Namige.⁸¹

Classe, Costume e Tempo

Os dados dizem-nos que em toda a Província de Nampula aproximadamente dois por cento da população trabalham em postos assalariados ou remunerados, enquanto a maioria das pessoas está engajada em alguma forma de agricultura ou pesca. Isto é sem dúvida uma verdade no que diz respeito ao registo da base económica e perfil do sustento da província. Mas a organização do trabalho geralmente evita e resiste a forma estatística. Ou seja, o registo formal pode ocultar tanto quanto define, muito dado que define, particularmente quando se tenta compreender as relações múltiplas e variadas de troca que existem em toda a economia. No mínimo, sabemos que os distritos, e particularmente as vilas, com as fábricas de castanha de caju têm uma percentagem mais alta de trabalhadores, tipicamente entre cinco e oito por cento engajados em postos remunerados e assalariados do que a província como um todo.⁸² E, enquanto a indústria enfrenta altas taxas de absentismo devido à estação de sementeira e colheita, sabemos também da análise, conduzida em 2002, que o crescimento e sustentabilidade da fábrica de Mogincual-Namige traduzir-se-ia até \$500.000 gerados anualmente em forma de salários do trabalhador.⁸³ Tomados no conjunto, tal infusão monetária forjada por uma percentagem mesmo pequena da força de trabalho da comunidade pode ter um impacto significativo num número mais alargado de agregados familiares, incluindo aqueles que ao se auto-identificam como estando engajados na pesca ou agricultura.

⁷⁹ Entrevista com Ossufo António conduzida por Belchion Mario, Namige, 1 de Maio de 2008; “População por Distrito e Província, 2007,” Instituto Nacional de Estatística; República de Moçambique, Ministério de Administração Estatal, *Perfil do Distrito de Mogincual, Província de Nampula, Edição de 2005*, 9

⁸⁰ Entrevista com Armindo Emilio conduzida por Belchion Mario, 1 de Maio de 2008.

⁸¹ Entrevista com Ossufo António; Entrevista com Fatima Sualehe conduzida por Belchion Mario, 1 de Maio de 2008

⁸² Save the Children-US, Detalhes da Província de Nampula, Características do Distrito.

⁸³ Correspondência re: “Miranda Expansion Plan,” Ditlev Schwanenflugel to Jake Walter, August 6, 2002.

Sem dúvida, existem no triângulo da castanha de caju pelo menos cinco diferentes categorias de produtores económicos que são fundamentais para explicar a transformação rural. Compreendendo que estas não são categorias estáticas, elas são (1) agricultores comerciais; (2) agricultores de subsistência; (3) trabalhadores remunerados; (4) “trabalhadores agrícolas”, ou uma pessoa que trabalha numa certa combinação de agricultura de subsistência & mão de obra remunerada; e (5) por conta própria (donos de lojas, mercadores e comerciantes). Deve ser notado que os pescadores essencialmente ocupam os mesmos estratos e papéis económicos funcionais que os agricultores de subsistência e poderão similarmente ser incluídos dentro da categoria de “trabalhadores agrícolas”.

Trabalhadores Remunerados:

Trinta e um por cento daqueles inquiridos nas fábricas de processamento de Angoche, Namige e Meconta obtêm o seu rendimento exclusivamente do trabalho industrial. Eles representam melhor a força de trabalho permanente e fixo da fábrica, uma classe emergente de mão de obra industrial remunerada que cresceu na última metade da década. Momade Abakar é de Namige e trabalha na fábrica há três anos. Com as remunerações que recebe é difícil cuidar integralmente das necessidades da sua esposa e filho mas acha que a vida mudou para melhor na comunidade. Depois de começar a trabalhar na fábrica, ele conseguiu comprar uma rede mosquiteira e uma cama, mas agora Abakar deve usar as suas remunerações para reconstruir a sua casa modesta de sete por quatro que foi destruída pelo Ciclone Jokwe. Durante os fins de semana, ele joga futebol com o grupo juvenil e toma conta duma pequena machamba de amendoim, mandioca e algum milho. Mas para o Momade, estas simplesmente representam actividades secundárias. Quando chega a manhã de segunda-feira, ele irá caminhar 10 quilómetros de casa para o serviço porque esse é o seu trabalho. Ele é um trabalhador da castanha de caju.⁸⁴

De facto, dentro do mundo de trabalhadores remunerados semi-permanentes e permanentes são a segurança de trabalho e o estatuto elevado, que parecem estar entre as determinantes mais significativas em moldar as aspirações do trabalhador. Para reduzir o absentismo, os trabalhadores sugerem programas de incentivos, condições de trabalho melhoradas, assistência em transporte, serviços sociais melhorados e segurança de trabalho através dum compromisso a longo prazo da indústria.⁸⁵ Um estudo sobre os trabalhadores da Condor Caju indica aumentos constantes na produtividade, entre os trabalhadores que permaneceram no serviço depois de seis meses.⁸⁶ A posição desempenha um papel, também, e enquanto alguns trabalhadores se empenham para ser supervisores da sua secção da fábrica, outros consideram os postos mais desejosos como aqueles que não os ligassem directamente com o próprio processo de produção. Ao contrário, muitos

⁸⁴ Entrevista com Momade Abakar conduzida por Belchion Mario, Namige, 30 de Abril de 2008.

⁸⁵ “Analysis of the Costs of Labor in Mozambique’s Cashew Processing Industry: Update for Irish Aid, November 2006,” 17

⁸⁶ “Analysis of the Costs of Labor in Mozambique’s Cashew Processing Industry,” 47

trabalhadores querem ser motoristas, balconistas, trabalhadores de manutenção ou guardas de segurança.⁸⁷

Na fundamentação de Momade Abakar, o rápido ritmo do desenvolvimento de Namige deve-se ao influxo das “pessoas vindas doutros lugares” à procura de emprego na fábrica. De facto, entre os trabalhadores efectivos remunerados, a pesquisa indica que os trabalhadores mais produtivos são os trabalhadores emigrantes internos provenientes das zonas com mais insegurança alimentar de Nampula.⁸⁸ De facto, cerca de 35% da força de trabalho nas três fábricas pertencentes ao Miranda vêm da antiga vila da fábrica de Geba. Tirando as obrigações do trabalho da machamba, estes trabalhadores remunerados são capazes de ser treinados e confiados como uma força estável no seio da organização da fábrica. Além disso, no caso dos trabalhadores provenientes de Geba, a maioria traz experiência da anterior fábrica. Mas, para os trabalhadores, a permanência não é necessariamente igual à prosperidade. Ao contrário, a sua resulta dum mundo de equilíbrio entre ausência de casa e as obrigações de envio de apoio financeiro aos seus; um mundo de trabalho árduo, baixo pagamento e um futuro incerto. Os trabalhadores emigrantes alegam que os apoios enviados não são normalmente suficientes para sustentar um agregado familiar por muito tempo e alguns trabalhadores do sexo masculino estão preocupados porque deixar a sua esposa em casa é considerado um “perigo” dado que o “sofrimento da vida faz com que algumas abandonem as casas e se juntem a outros homens.”⁸⁹ Deixar as famílias atrás não pode apenas envolver um sofrimento especial para os trabalhadores, mas também levanta preocupações sérias de saúde pública. Muitos trabalhadores de castanha de caju apenas visitam a casa uma vez por ano e enquanto noventa e três por cento dos trabalhadores recentemente inquiridos têm algum conhecimento de HIV/SIDA, perto de um terço não sabem como é transmitido.⁹⁰

Do ponto de vista da indústria, os trabalhadores emigrantes são um alvo favorável para as estratégias de recrutamento da mão de obra, particularmente porque a colheita sazonal e necessidades da machamba levam a altas taxas de absentismo entre os trabalhadores recrutados localmente. Porém, o recrutamento dos trabalhadores emigrantes iria também aparentemente sugerir alguma obrigação básica de prestação de serviço,. Os trabalhadores emigrantes no triângulo de castanha de caju raramente regressam à casa – poupam aproximadamente duas semanas durante as férias – citando constrangimentos de tempo e custos proibitivos de transporte.⁹¹ Assim, a provisão de comida, serviços de saúde básica, transporte e e facilitação do envio de apoios às famílias estão entre as ofertas formais e informais que a indústria deve aparentemente considerar no desenvolvimento de mecanismos de contrato.

⁸⁷ Entrevista com Shakti Pal, Março 28, 2008; Entrevista com Angela Assani, conduzida por Belchion Mario, Namige, 30 de Abril de 2008; Entrevista com trabalhadores na sala de assadeira na Fábrica de Namige, 27 de Março de 2008, entrevista conduzida por Simba Siebo

⁸⁸ TechnoServe Comprehensive Survey of Cashew Factory Workers in Nampula

⁸⁹ Entrevista com Francisco Jaime, Nampula, 1 de Abril de 2008; Entrevista com Rodrigues Abakar, e Augusto Zacaria, Namige conduzida pelo Simba Siebo, Namige, 27 de Março de 2008.

⁹⁰ TechnoServe Comprehensive Survey of Cashew Factory Workers in Nampula

⁹¹ Entrevista com Francisco Jaime conduzida por Simba Siebo, Nampula, 1 de Abril de 2008; Entrevista com Teresa Maida, Namige, 30 de Abril de 2008.

Trabalhadores agrícolas:

Ao mesmo tempo, dado que o número de pessoas engajadas no trabalho das fábricas cresceu nos últimos anos, 63% dos trabalhadores nestas mesmas fábricas, um total de 83% no caso de Namige-Mogincual, também vestem uma certa forma do chapéu de agricultor. Ou seja, estão engajados num estilo de vida de camponês que suplementa as suas remunerações da fábrica ou serve como sustento primário do agregado familiar.⁹² Sem dúvida, a posse da terra pode também servir de chave determinante no controle do património e em moldar as escolhas de trabalho. O estudo de Jolle Plumerel sobre cajueiros e modos de vida na zona norte de Moçambique identifica a hierarquia social e género como elementos chave na alocação da terra como ilustrado no ditado de Mecua, “a sorte segue a linhagem.”⁹³ Entre os trabalhadores da fábrica inquiridos em Angoche, Namige e Meconta, 79% reportaram a posse ou acesso à terra. Destes, 47% ganharam o uso da terra através da herança e 11% através da compra. Outros catorze por cento citaram “empréstimo” da terra, tipicamente indicando um arranjo de aluguer dum ano ou alguma forma de pagamento em espécie ou acordo de proveitos a meias. O resto citou o governo ou “outras formas” como a sua fonte dos direitos do uso da terra. Vinte e um por cento não citaram nenhuma posse da terra, talvez reflectindo as motivações e escolhas económicas que orientam os trabalhadores a tempo inteiro da indústria.⁹⁴

Pequenos Proprietários

Trinta e cinco por cento dos agricultores moçambicanos produzem castanha de caju, mas o pequeno proprietário produz em média apenas 200 kg por ano. O rendimento anual dos pequenos proprietários nas vendas de castanha de caju variam de US\$ 40-140 com rendimento adicional proveniente da venda de bebidas de fabrico caseiro do falso fruto.⁹⁵ O relatório de 2003 de Techno Serve observou que entre aqueles “que estão envolvidos na agricultura de subsistência, a fonte primária do rendimento monetário é a venda de castanha de caju.” De facto, cerca de 80% das famílias produtoras de castanha de caju de Nampula comercializam pelo menos uma porção da sua colheita anual.⁹⁶ A maioria dos pequenos proprietários e trabalhadores agrícolas, porém, não tem um fundo de maneio adequado e canais seguros para fazer investimentos sólidos. Consequentemente, “os pequenos proprietários não se veem como parte do negócio de castanha de caju.”⁹⁷

Na ausência duma fábrica vizinha ou uma planta satélite, os pequenos agricultores irão tipicamente vender a sua castanha de caju para as lojas rurais e comerciantes itinerantes.

⁹² TechnoServe Comprehensive Survey of Cashew Factory Workers in Nampula.

⁹³ Tese Jolle Plumerel, “Trees, Tenures and Livelihoods: A Case Study of Cashew Trees in Northern Mozambique,” MA Thesis, University of East Anglia (2003), 17

⁹⁴ TechnoServe Comprehensive Survey of Cashew Factory Workers in Nampula;

⁹⁵ Laura Hildner and Shakti Pal, “Analysis of the Costs of Labor in Mozambique’s Cashew Processing Industry: Update for Irish Aid,” November 2006,” 33; Entrevista com Carlos Costa, Maputo, 18 de Junho de 2008.

⁹⁶ TechnoServe, *TechnoServe in Mozambique*, September 2003, 9; Um estudo conduzido em 2002 estima que 80% dos agregados familiares produtores de castanha de caju comercializam parte da sua colheita, Paton, “Developing the Cashew Industry in Mozambique,” 5.1

⁹⁷ Melissa Hall et al, “Benchmarking the Global Cashew Industry,” 2007, 22.

Alguns produtores de pequena escala irão também criar pequenos locais temporários, ou *postos de venda*, durante a estação de colheita.⁹⁸ Mas com o novo modelo de produção localizada e a estreita aproximação aos campos e pomares, os pequenos proprietários moçambicanos testemunharam nos últimos anos uma procura crescente por parte dos processadores. Muitos pequenos proprietários de Namige reportam que são agora capazes de vender directamente para a fábrica em vez dos comerciantes baseados na cidade de Nampula onde a distância e as péssimas condições da estrada ajudavam a ditar os baixos preços que tipicamente recebiam.⁹⁹ Além disso, dado que os processadores investiram na formação dos agricultores comerciais para a melhoria da qualidade e rendimentos, as castanhas brutas estão a ser compradas a 10-16% acima do preço do mercado.¹⁰⁰ Pesquisa de mercado sugere que há maiores oportunidades para aproveitar esta tendência e desenvolver o interesse entre os pequenos proprietários e trabalhadores dos agricultores para reinvestir as poupanças e/ou remunerações no plantio de cajueiros.

Agricultores comerciais

Karl Marx observou que “a natureza não se preocupa pelo comércio” e, de facto, as condições climáticas precárias, incluindo ciclones, quando combinadas com a doença e a falta de acesso ao capital inicial ou crédito para a compra de ferramentas ou pesticidas apresentam-se como apenas alguns dos constrangimentos colocados aos agricultores comerciais em Nampula.¹⁰¹ Dito isto, as necessidades do capital para um pomar de cajueiros são bastante modestas, exigindo apenas um tractor e alguns bens de pulverização química para lutar contra a erva daninha periódica e doença. Com início até três anos depois do plantio inicial, o cajueiro irá geralmente produzir até sessenta anos. Novas árvores são plantadas em cerca de cinquenta por hectare com aproximadamente quinze por cento de rebentos requerendo substituição. Durante todo o ano os pomares são capinados manualmente ou com o uso de tractor e, dependendo do clima, o agricultor irá precisar de aplicar três ou quatro pulverizadores de pesticida por campanha. Em Outubro, novas castanhas brutas irão ser colhidas.¹⁰² Quando o falso

⁹⁸ Paton, “Developing the Cashew Industry in Mozambique,” 5.2.

⁹⁹ Entrevista com Ossufo António conduzida por Belchion Mario, Namige, 1 de Maio de 2008.

¹⁰⁰ Entrevista com Shakti Pal, 26 de Março de 2008; “Analysis of the Costs of Labor in Mozambique’s Cashew Processing Industry,” 35-36.

¹⁰¹ A indústria de caju sofreu um grande golpe no dia 8 de Março de 2008, quando o Ciclone Jokwe devastou a província de Nampula, deixando-a no seu caminho quatro mortos em Mogincual e um em Angoche. A temporal que era caracterizada por ventos em excesso de 160 km inflingiram grandes danos estruturais para ambas as fábricas de processamento de António Miranda, destruiu 20.000 dos seus cajueiros e destruiu ou estragou severamente a maioria das casas dos trabalhadores. Na Estrada em Namaponda, o produtor comercial Joao Sekare perdeu 750 árvores na temporal, aproximadamente um quarto das suas propriedades. Visita de campo a Angoche e Mogincual, 26-27 de Março de 2008; Entrevista com os trabalhadores e a direcção em Angoche e Fábrica de Mogincual, 26-27 de Março de 2008; “Moçambique: Total de Mortes de Jokwe Sobe para Seis,” *Agência de Informação de Moçambique*, 10 de Março de 2008, “Mozambique: Cashew Nut Harvest to Exceed 85,000 Tonnes This Year,” Agência de Informação de Moçambique, April 4, 2008; Entrevista com João Sekare, 1 de Maio de 2008, Namaponda.

¹⁰² Schwanenflugel and Pinto, “Miranda Expansion Project: Building a World Class Cashew Industry in Mozambique,” 28; Entrevista com João Sekare, 1 de Maio de 2008, Namopanda.

fruto de caju estiver maduro irá cair no chão onde os trabalhadores recolhem e secam na luz solar directa. Em seguida, as castanhas são classificadas de acordo com os padrões e abaixo do padrão e colocadas em sacos de juta de 80 quilogramas antes de ser enviados para a planta de processamento.¹⁰³

O agricultor comercial João Sekare vem produzindo e colhendo castanha de caju há cerca de trinta anos. Num bom ano, ele irá produzir quatro toneladas enquanto num mau ano poderá ver aproximadamente metade dessa quantidade. Ele está neste negócio a tempo suficiente para compreender os caprichos do mercado, mas acredita que a formação que recebeu sobre o controle de qualidade e a estreita aproximação do campo em relação à fábrica, onde ele vende directamente, foi um impulso enorme para as suas operações. A preocupação principal de João é a falta geral de compradores, o que baixa os preços que os agricultores são capazes de marcar. Mas a castanha de caju permitiu-lhe diversificar os seus investimentos. Além da seu considerável pomar de castanha de caju, ele é proprietário de seis touros e produz laranjas e amendoim. Claramente, João Sekare é um homem atarefado que marca uma presença visível na vila de Namaponda. Ele serve como presidente da Associação dos Produtores de Castanha de Caju, possui e opera a barraca popular “Boa Amizade” no centro da vila e recentemente concebeu planos para abrir uma escola de condução.

Casado, com oito filhos e sete netos, ele deve o seu sucesso à imaginação, boas parcerias e ao facto de que “nunca pára de trabalhar.”¹⁰⁴ Para ajudar a gerir a sua crescente pasta de investimentos, o João contratou três trabalhadores agrícolas que lhe apoiam em tudo desde a poda das árvores, aplicação de pesticida e transporte. A tarefa mais importante dentro da empresa de Sekare, porém, recai em Mussa Momade. Ele trabalha como guarda dos cajueiros e descreve o seu papel de forma simples e directa: quando “eu apanho alguém a roubar, amarro-o e levo-o ao meu patrão.”¹⁰⁵ Trabalhar com o senhor Sekare deu a estes trabalhadores a oportunidade de aprender o negócio e, motivados pelo desejo de “ter sucesso na vida,” cada um começou a plantar cajueiros nas suas próprias machambas.

Mercadores e Comerciantes

Uma avaliação do impacto social de 2002 conduzida por Ditlev Schwanenflugel reportou que “as operações piloto em Namige foram bem recebidas pela comunidade local e já são consideradas como tendo trazido benefícios tangíveis em forma de aumento de riqueza e oportunidade.” Schwanenflugel também projectou que até 2005, a expansão do negócio iria produzir “um excesso de 1.200 trabalhadores e gastar \$2 milhões anualmente na economia local” em forma de compras de castanha bruta, salários e despesas de capital. O seu relatório concluiu que tal crescimento projectado iria “constituir um grande impulso para a zona de Mogincual, onde presentemente existe muito pouca actividade para além da pesca e agricultura de subsistência.”¹⁰⁶

¹⁰³ United States Agency for International Development, “Cashew Quality Standards,” Cashew Development Project, n.d.

¹⁰⁴ Entrevista com João Sekare conduzida por Belchion Mario, Namaponda, 1 de Maio de 2008.

¹⁰⁵ Entrevista com Vincente Mateus conduzida por Belchion Marion; Entrevista com Mussa Momade conduzida por Belchion Mario, Namaponda, 1 de Maio de 2008.

¹⁰⁶ Ditlev Schwanenflugel to Jake Walter, “Miranda Expansion Plan,” August 6, 2002, in TechnoServe files.

Enquanto as operações de negócio não expandiram à velocidade vertiginosa do estudo de Schwanenflugel previu, o impacto adjacente na área é visível. Artur José, um antigo pescador, parou a sua vida no mar e abriu uma barraca logo depois da vinda de Miranda à vila. Ele vende refrescos, água engarrafada, cerveja e ocasionalmente sardinhas enlatadas e peixe fresco. Artur fez a carreira avançar depois de concluir que há muito dinheiro em circulação na economia local. Até aqui, a sua aposta foi frutífera. O “Bar Escondidinho” regularmente está em plena actividade e José desenvolveu um sistema de crédito para os trabalhadores da fábrica e suas famílias. O seu sonho é aumentar o número de artigos que oferece e expandir o tamanho do seu estabelecimento. O seu objectivo imediato, porém, é comprar um carro, que ele espera usar para reduzir os custos de transporte.¹⁰⁷

Salimo Mecura, natural de Namige, talvez tenha ligado mais directamente a sua aposta de investimento com a fábrica, operando um hotel a menos de 500 metros dos portões das Indústrias Miranda. Aberto em 2006, o “Complexo SaMe” de oito quartos tem como alvo os visitantes da fábrica e a crescente presença doutros viajantes em negócio no distrito de Mogincual. Mecura trabalha como mecânico no Hospital Central da Cidade de Nampula, por isso deixa a gestão diária para os membros da família em Namige. Ele frequentemente regressa à casa durante os fins de semana, porém, concebeu planos para adicionar mais quartos, uma discoteca e um bar no complexo do hotel.¹⁰⁸

O pescador Ossufo António nasceu e cresceu em Namige, mas como muitos residentes da zona fugiu para os ambientes mais seguros de Angoche durante a guerra. Ele regressou porém a Namige em 1993, onde tem permanecido desde então. É a sua casa. Ossufo está bem posicionado para testemunhar as mudanças dramáticas que aconteceram ao longo dos últimos cinco anos. “Até recentemente, a aldeia de Namige era uma mata e as pessoas estavam desligadas da vida moderna. Posso dar um exemplo; depois do fim da guerra até agora, não podias encontrar pessoas a passear à volta da aldeia depois das 16 horas, mas agora são vistas crianças fora das suas casas depois das 17 horas e 30 minutos. Apenas mostra que conhecemos a vida moderna,” fundamenta o Ossufo.¹⁰⁹

Talvez o mercado central de Namige melhor demonstre esta mudança rumo à “vida moderna.” No mínimo, o mercado assume-se como algo dum instituição informal que ajuda a definir e dar forma à vida económica e social da aldeia. Antes da construção da fábrica, “não havia nada em Namige” e a zona que agora ocupa o mercado era casa de alguns mercadores e comerciantes. Ao longo dos últimos seis anos, porém, desenvolveram-se infra-estruturas do mercado, os vendedores concentraram e centralizaram as suas operações e desenvolveram-se nichos especializados de mercado. Aproximadamente trinta operadores agora fazem negócio dentro das vielas estreitas e

¹⁰⁷ Entrevista com Artur Jose conduzida por Belchion Mario, Namige, 30 de Abril, 1 de Maio de 2008

¹⁰⁸ Entrevista com o pessoal do “Complexo SaMme”, Namige, 1 de Maio de 2008.

¹⁰⁹ Entrevista com Ossufo António conduzida por Belchion Mario, Namige, 30 de Abril de 2008

cantos poeirentos do mercado de Namige.¹¹⁰ Organizados livremente de acordo com a categoria da mercadoria, encontram-se alimentos básicos tais como arroz, farinha, óleo de cozinha, pão e tomate. Peixe pequeno, sumo e piri piri são geralmente agrupados juntos em baixo ou perto da zona coberta e os artigos não alimentares tais como jeans azuis, capulanas, pastas, material escolar, cigarros e uma fila modesta de artigos electrónicos são expostos nas prateleiras da frente do mercado ou nas imediações do exterior. Finalmente, um sub-mercado maior composto inteiramente de peixe localiza-se cerca de cem metros do principal conjunto de bancas.¹¹¹

O mercado, de facto, também funciona como um centro social e um balcão de informação. O Bar Escondidinho é a casa para muitos jogos de xadrez durante a tarde entre pescadores fazendo tempo antes de se dirigirem para a captura da noite. Dado que a “Oceano Disco” foi severamente destruída e subsequentemente encerrada como resultado do ciclone Jokwe, o Bar Escondidinho também duplicou como uma pista de dança informal. Nos últimos dias, os trabalhadores da fábrica, outros mercadores e residentes da vila têm estado a juntar-se durante as noites no bar e dançam ao som das escolhas do “DJ da casa” que oferece música reggae, marrabenta, passada, rhumba e chimarenga.¹¹² O futebol também continua uma paixão na vila, e são mostradas partidas internacionais para serem assistidas no “Clube Mabote.” Ao preço de cinco meticais, a pessoa pode juntar-se a dúzias de adeptos ferrenhos apertados numa pequena casa perto da praça central, com os olhos fixados numpequeno televisor operado a partir duma pequena bateria de carro proporcionando o grande evento.¹¹³

O mercado de Namige proporciona a “cola” que faz prosseguir a planificação e crescimento formais e informais da vila. Como um espaço comercial e social, o mercado serve como um centro comunitário há volta do qual o hospital circunvizinho, posto administrativo do distrito, escola e zonas residenciais gravitam. Quase certamente, à medida que novo dinheiro é circulado através da economia local, os mercadores existentes procurarão expandir as suas operações e os homens de negócio de fora irão aparentemente continuar a aparecer em Namige à procura de oportunidades de investimento. E a três quilómetros do centro da vila, a fábrica de castanha de caju irá continuar a desenvolver uma grande actividade, oferecendo brilho a este processo fluído.

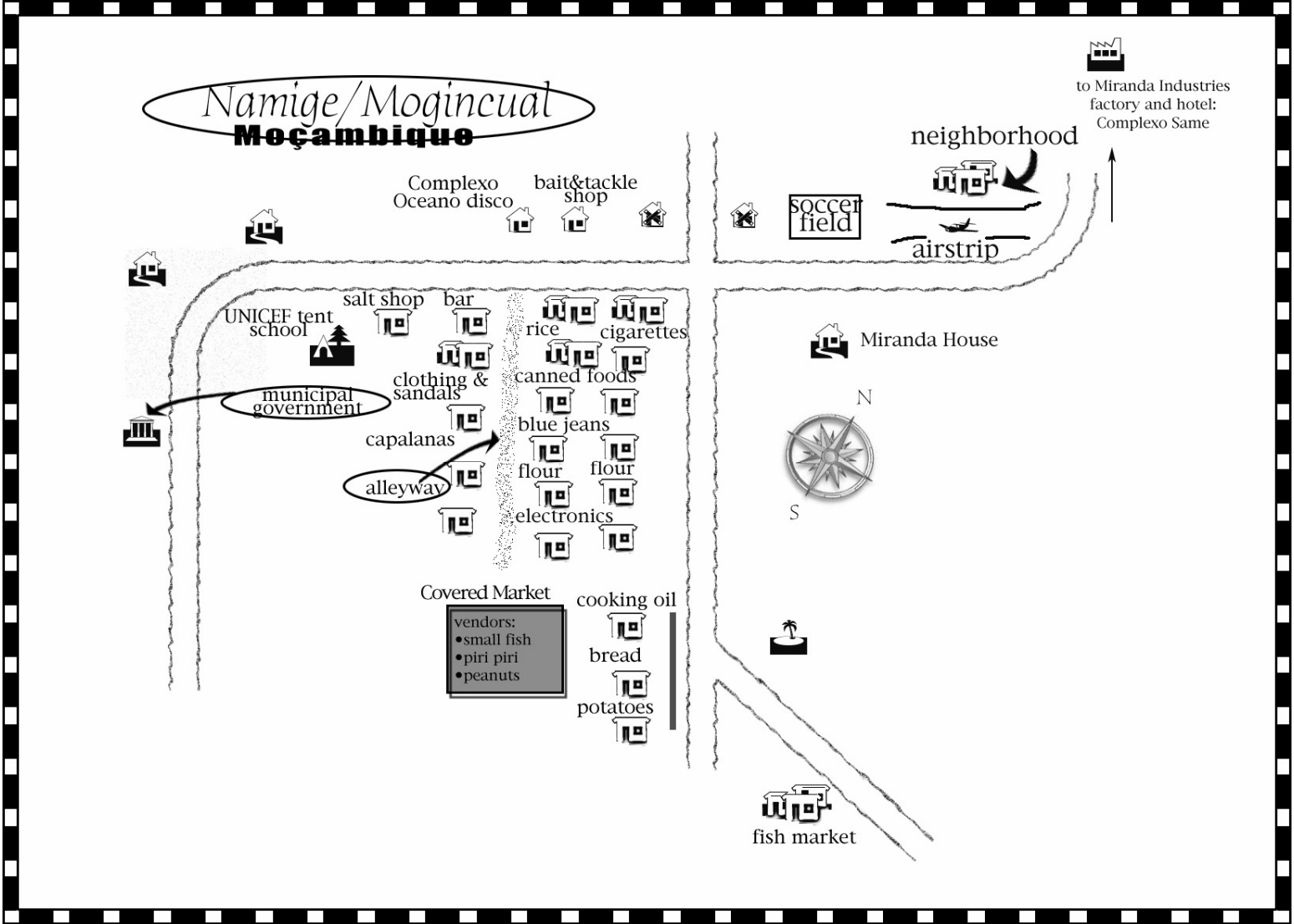
¹¹⁰ Entrevista com Mekusete Musa, Chefe do Mercado de Namige, conduzida por Laura Cordero, 25 de Junho de 2008.

¹¹¹ Visita de campo à Feira de Namige, 1 de Abril; 30 de Abril; 1 de Maio de 2008

¹¹² Ibid.

¹¹³ Visita de campo a Namige, 30 de Abril de 2008.

Namige/Mogincual
Mozambique



Mercados e Modernidade

O que está claro no remoinho de vento da mudança em Namige é que as pessoas estão a diversificar o seu estilo de vida de campo e que o crescimento de emprego da zona e o esvoaçante espírito empresarial introduziu novo dinheiro e novos mercados. As pessoas em Namige geralmente aceitam estas mudanças como bastante positivas e não vêm a introdução da indústria como uma ameaça para a sua forma de vida. Também, esta transformação gradual da comunidade agrícola para uma vila de mercado não deve ser vista por impulsionadores cívicos como uma história de sucesso não mitigada. Sem dúvida, há mais bicicletas na estrada, actividade acrescida entre os comerciantes da aldeia, pela primeira vez centenas de trabalhadores assalariados e um mercado melhorado para os pequenos proprietários e produtores familiares.

Mas estas tendências inegavelmente positivas também ocultam alguns indicadores económicos e sociais que são mais problemáticos. Uma evidência incompleta indica que, desde 2002, a média de rendimento de agregado familiar mostrou aumentos significativos no triângulo da castanha de caju e o rendimento de auto-emprego similarmente aumentou substancialmente mas ao mesmo tempo o rendimento mediano baixou bastante dramaticamente em algumas comunidades. A mudança das fontes de cultura e pesca do rendimento rumo ao mercado de trabalho definidos por um maior número de pessoas trabalhando para o salário mínimo ajuda a explicar muito sobre isto. Mas enquanto o rendimento total proveniente das remunerações aumentou em média de 164%, o rendimento mediano baixou nestes mesmos lugares em média de 25%, sugerindo que uma menor percentagem da população está desproporcionalmente a beneficiar do crescimento.¹¹⁴ Além disso, a economia de consumidor recém diversificada não atingiu muitos. As vendas de bicicletas e rádios mostraram aumentos e há uma variedade mais alargada de bens disponíveis no mercado, mas para muitos trabalhadores estes artigos de luxo continuam fora do alcance dos seus salários modestos.¹¹⁵

Com a mão de obra remunerada e fabrico rural misturados com os ritmos agrícolas e relações tradicionais de mercado e não-mercado, como pode a fábrica melhor coexistir com as comunidades de subsistência? Pode a força de trabalho a tempo inteiro ser gerada interferir (negativamente) com a cultura e eficácia da produção dos pequenos proprietários? O que acontece aos trabalhadores e comunidades quando as máquinas que induzem poupança da mão de obra seduzem os directores, proprietários e investidores? Equilibrando estas considerações e harmonizando a inovação e as concepções empresariais com o que os historiadores em variados contextos chamaram de “economia moral” dos papéis e práticas costumeiras, parece ser um desafio histórico fundamental que a indústria enfrenta. Desde que o caju sirva o papel de desenvolvimento, as características do “novo modelo” da indústria mantêm-se promissoras. A diversificação das economias rurais através da criação de emprego e

¹¹⁴ Inquéritos Agrícolas Nacionais, 2002 e 2005, Tabela 1-1, 1-2, 1-3.

¹¹⁵ Inquéritos Agrícolas Nacionais, 2002 e 2005, Tabela 1-4, 1.5; Entrevista com trabalhadores nas Indústrias Miranda, Namige, 30 de Abril de 2008. A fábrica em Namige inclui uma loja de bicicleta onde os trabalhadores podem comprar a crédito. Uma bicicleta custa em média 1.900 meticais (\$78 USD), ou um pouco mais um mês e meio de salário para um trabalhador efectivo típico.

aumento de acesso de mercado para ambos os agricultores comerciais e pequenos proprietários representa a contribuição mais convincente da indústria até à data. Além disso, novas oportunidades de investimento tornaram-se disponíveis aos empresários que possuem um capital modesto e uma classe dinâmica de comerciantes está-se a materializar nas comunidades de castanha de caju. Finalmente, a produção comercial do agregado familiar e as relações de mercado e não-mercado estão a encontrar um equilíbrio nas vilas como Namige. Tomados como um todo, parece que a castanha de caju pode continuar a servir positivamente o desenvolvimento da zona rural de Nampula, talvez atingindo no processo o que poderemos chamar de *economias morais de escala*.¹¹⁶

Finalmente, os mercados representam muitos tipos de intercâmbio, expressos em dinheiro, remunerações, especulação e trocas. Alguns intercâmbios são de natureza comercial, alguns social. Os costumes, tradição, normas sociais e obrigações, redes familiares e reciprocidade poderão também ditar o contexto específico do mercado. Não interessam as dinâmicas locais particulares, podemos seguramente declarar que a mão de obra e os mercados de mercadorias semelhantes funcionam em ambos numa arena económica e numa social. Isto é evidente na aldeia como Namige onde uma simples mercadoria como castanha de caju começou a transformar a vida quotidiana e fornecem-nos um veículo para melhor compreendermos as pessoas e suas escolhas. Na verdade, quando a camada complexa dos planos de negócio, decisões de investimento, mercados de trabalho e modelos de desenvolvimento são dissecados, somos deixados com pessoas. E a vida no triângulo de castanha de caju é afinal de contas uma história humana; uma história que gira à volta de sonhos e desapontamentos, sucesso e fracasso, risco e oportunidade, responsabilidades e obrigações.

¹¹⁶ O termo “economia moral” refere à concepção do historiador E.P. Thompson que não é para atribuir moral ou valores às relações de trabalho mas ao contrário atribui “papéis ideais e modelos económicos que endossem a prática costumeira no equilíbrio da classe e forças sociais.” No caso das comunidades de subsistência isto inclui acesso à terra, costume e uso da terra e direito ao seu produto, Thompson, “The Moral Economy of the English Crowd in the Eighteenth Century,” *Past and Present*, 50 (1971), Thompson, *Customs in Common: Studies in Traditional Popular Culture*, (New Press, New York, 1993), 339-341.